



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO/SE

JUCINALVA DOS SANTOS MARQUES

**EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA LITERÁRIA EM SALA DE AULA:
CRIANDO FANFICS A PARTIR DOS CONTOS DE CONCEIÇÃO
EVARISTO**

São Cristóvão/SE

2024

JUCINALVA DOS SANTOS MARQUES

**EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA LITERÁRIA EM SALA DE AULA: CRIANDO
FANFICS A PARTIR DOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Relatório apresentado ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras em Rede
– PROFLETRAS – da Universidade
Federal de Sergipe, Campus São
Cristóvão, como requisito para a obtenção
do título de mestre em Letras. Orientadora:
Profª Drª Maria Aparecida da Silva
Ribeiro

Área de Concentração: Linguagens e
Letramentos

Linha de Pesquisa: Estudo da linguagem e
práticas sociais

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M357e	Marques, Jucinalva dos Santos Experiências de escrita literária em sala de aula : criando fanfics a partir dos contos de Conceição Evaristo / Jucinalva dos Santos Marques ; orientadora Maria Aparecida da Silva Ribeiro. – São Cristóvão, SE, 2024. 103 f. ; il. Relatório (mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2024. 1. Literatura brasileira. 2. Escrita - Estudo e ensino. 3. Contos. 4. Letramento - Aspectos sociais. 5. Evaristo, Conceição, 1946-. I. Ribeiro, Maria Aparecida da Silva , orient. II. Título. CDU 821.134.3(81)
-------	--



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS- GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS –PROFLETRAS/SC

ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
APRESENTADA PELA ESTUDANTE JUCINALVA DOS
SANTOS MARQUES PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM LETRAS PELO PROFLETRAS.

Ao quinto dia do mês de Março do ano de Dois mil e vinte e quatro, às nove horas, na sala 301 didática 07, reuniu-se a Comissão Julgadora da Dissertação da Mestranda JUCINALVA DOS SANTOS MARQUES, composta pelas professoras Doutoras: **MARIA APARECIDA SILVA RIBEIRO** (orientadora e presidente da banca) **TAYSA MERCIA DOS SANTOS SOUZA DAMACENO** (avaliadora interno) e **ANA MARCIA BARBOSA DOS SANTOS SANTANA** (avaliadora externa à instituição) para examinar o trabalho apresentado sob o título **EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA LITERÁRIA EM SALA DE AULA: CRIANDO FANFICS A PARTIR DOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**. A Professora MARIA APARECIDA SILVA RIBEIRO, na qualidade de presidente da banca, passou a palavra à candidata, para a sua exposição inicial. Terminada a exposição da mestranda, A Presidente passou a palavra a cada uma das examinadoras da Comissão Julgadora. Após a arguição, a comissão deliberou sobre o resultado da avaliação do trabalho. Em relação ao título de “**Mestre Profissional em Letras**”, a mestranda foi considerando:

(x) APROVADO
() APROVADO COM
RESTRIÇÃO ()
REPROVADO

Parecer:

A banca destacou a relevância do trabalho apresentado pela abordagem metodológica das questões étnico-raciais na educação básica, na formação docente continuada e nas licenciaturas.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA APARECIDA SILVA RIBEIRO
Data: 06/03/2024 11:13:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

MARIA APARECIDA SILVA RIBEIRO
PRESIDENTE

Documento assinado digitalmente
gov.br TAYSA MERCIA DOS SANTOS SOUZA DAMACENO
Data: 06/03/2024 09:57:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

TAYSA MERCIA DOS SANTOS SOUZA DAMACENO
EXAMINADORA INTERNA

Documento assinado digitalmente
gov.br ANA MARCIA BARBOSA DOS SANTOS SANTANA
Data: 06/03/2024 10:58:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ANA MARCIA BARBOSA DOS SANTOS SANTANA
EXAMINADORA EXTERNO

Dedico esta dissertação a meus irmãos e irmãs. Vocês vieram primeiro e desbravaram horizontes. Vínculo eterno. Eu sou, porque nós somos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho representa a conclusão de uma maravilhosa jornada pelo mundo das Letras. Como nenhuma conquista é feita sozinha, é hora de agradecer a quem chegou junto comigo até aqui.

Agradeço a Deus pela minha vida, pela força e sabedoria que me guiou, mesmo nos momentos mais difíceis.

À minha filha Sophia, amor maior, que me apresenta desafios diários e me brinda com seus ensinamentos.

Aos meus alunos, principalmente os que participaram com tanto engajamento deste projeto. Por todos os desafios enfrentados por nós dentro e fora da escola, e por me ensinarem que o aprendizado é uma via de mão dupla.

Aos meus colegas professores e equipe diretiva das duas escolas que eu leciono, pelo constante incentivo e colaboração.

É hora de refletir sobre a minha trajetória no profletras. E nesse exercício de rememoração, agradecer às pessoas especiais que caminharam junto comigo: a Josefa, companheira de longa jornada e boas risadas, por me apoiar tanto e me dar forças nos momentos de desânimo; aos colegas de turma, pelos momentos de partilha e descontração, tornaram nossa viagem mais tranquila. Sou grata pela amizade de vocês; aos professores, que despertaram em mim um novo olhar diante do viver acadêmico, especialmente a Prof^a Dr^a Laura Camila Braz de Almeida, aos membros da banca examinadora, Prof^a Dr^a. Ana Marcia Barbosa dos Santos Santana, Prof^a Dr^a Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno pelo olhar apurado e pelas importantes contribuições. Nessa Jornada, encontrei pessoas com sorrisos dóceis e afetuosos.

É hora de tecer um fio de destaque à minha orientadora, Prof^a Dr^a Maria Aparecida da Silva Ribeiro, da qual eu tive a sorte de ter cruzado meu caminho, encantamento desde as primeiras aulas, onde ela nos fez um convite à releitura envolvente e emocionante dos textos literários. Desde então nossa relação foi de afeto e subjetividade nos primeiros trabalhos, generosidade e esclarecimentos nos encontros de orientação. Obrigada pela generosidade, pela paciência durante as correções e por fazer com que eu conseguisse chegar sempre além do que eu imaginava.

Por fim, gostaria de agradecer igualmente ao Governo que criou o PROFLETRAS, projeto que incentiva professores à formação continuada.

Esta jornada acaba aqui. Que venham tantas outras, sem temer, jamais! “Só a luta muda a vida, e a luta com amor”.

"Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades." Neusa Santos

Souza

RESUMO

Um dos maiores desafios no Ensino Fundamental Anos Finais sempre foi o de fazer com que o aluno tome gosto pela leitura e escrita. Ciente dessa dificuldade, o presente trabalho pretende promover uma prática de mediação literária seguida de uma escrita criativa, para desenvolver habilidades de leitura e escrita autoral através do gênero *fanfic*, fomentando a leitura, a releitura e a produção textual. O trabalho volta-se também para as discussões acerca da Lei 10639/03 e da obrigatoriedade do ensino da literatura afro-brasileira. A pesquisa foi aplicada numa turma de 9º ano do Fundamental Anos Finais, da escola municipal de 1º grau José Osete de Carvalho, no município de Cardeal da Silva/BA. A metodologia empregada é da pesquisa-ação que terá como foco a mediação de leitura e da escrita criativa, utilizada em diferentes gêneros literários através de recursos multimodais, da escrita colaborativa nas redes digitais em diálogo com escritoras negras da atualidade, colaborando para a desconstrução do preconceito étnico-racial, potencializando a escrita como uma ferramenta para o protagonismo juvenil de inserção social. Para dar conta dessa proposta, trouxemos uma sequência didática composta por cinco módulos e a elaboramos um caderno pedagógico como produto final, que servirá de modelo para que os docentes de LP possam desenvolvê-lo em suas aulas. A análise foi subsidiada pelos estudos de Dolz e Scheneuwly (2004), para os quais a sequência didática é uma ferramenta promissora no desenvolvimento da aprendizagem. Touxemos também a visão sobre leitura, estratégias de leitura e inserção dos gêneros textuais nas aulas de português, de autores como Solé (1998), Marcuschi (2008) e Rojo (2004). Sobre o fenômeno *fanfiction*, recorre-se à visão de Vargas (2015). Para abordar o poder humanizador da literatura, o estudo remete a Cândido (2011) e Compagnon (1999). Usamos como referência escritoras negras como Evaristo (2016), Kilomba (2020), Oliveira (2020), dentre outras. A participação dos estudantes nas aulas de produção de *fanfics* revelou-se instrumental na percepção destes acerca da leitura e produção de texto, além de estimular o trabalho de forma colaborativa.

PALAVRAS-CHAVE: mediação de leitura, gêneros literários, *fanfic*, literatura afro-brasileira.

ABSTRACT

One of the most prominent challenges in Elementary Education (Ensino Fundamental Anos Finais) has always been getting students to enjoy reading and writing. Conscious of this difficulty, this study examines the practice of literary mediation and creative writing, specifically through the fanfic genre, to develop students' reading and authorial writing skills in the context of Brazilian Law 10639/03 which requires people to teach aspects of Afro Brazilian's literary topics. The research happened with a 9th-grade class at José Osete de Carvalho Municipal Elementary School in Cardeal da Silva, Bahia State. The study used action research methodology and focused resources from multimodal texts and collaborative writing on digital networks to engage students in reading and writing from contemporary black women's writings. The goal contributed to deconstructing ethnic-racial prejudice and enhanced writing as a tool for youth protagonism in social insertion. The study introduced a didactic sequence (Dolz and Scheneuwly, 2004) of five modules and created a pedagogical notebook as a final product, which can serve as a model for language and literature teachers to develop similar activities in their classes. The analysis used studies from various authors focused on learning and reading strategies from Solé (1998), Marcuschi (2008) and Rojo (2004) writings. Specifically, Vargas (2015) explores the use of fanfiction drawing on the work. Also, authors such as Cândido (2011) and Compagnon (1999) supported the analyses of the humanizing power of literature. The study even referenced black female writers like Evaristo (2016), Kilomba (2020), and Oliveira (2020) to explore associated themes. The student's participation in fanfic production classes proved to be instrumental in improving their perception of reading and text production, advancing and stimulating collaborative work.

KEYWORDS: Reading mediation. literary genre. fanfic, Afro-Brazilian Literature

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Diagnóstico da atividade de pré-teste.....	34
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perguntas respondidas pelos alunos na atividade de sondagem.....	33
Quadro 2 – Demonstrativo dos módulos didáticos do produto pedagógico	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - foto da fachada da Escola de 1º grau José Osete de Carvalho.....	32
Figura 2 - foto da aplicação do pré-teste	35
Figura 3 - foto do texto inicial da aluna 1.....	44
Figura 4 - foto da pagina inicial da fanfic publicada pela aluna 2.....	45
Figura 5 - foto da segunda pagina da fanfic publicada pela aluna 2.....	46
Figura 6 - foto da pagina inicial da fanfic publicada pela aluna 3.....	47
Figura 7 - foto das fanzines produzidas pelos alunos	48
Figura 8 - foto do aluno na apresentação da culminancia do projeto	49
Figura 9 – foto das alunas apresentando as fanzines na culminância do projeto....	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. APORTE TEÓRICO.....	19
2.1. A LEITURA LITERÁRIA E O COMPORTAMENTO LEITOR.....	19
2.2. LEI 10.639/2003: LEITURA E ENSINO DA LITERATURA AFRO BRASILEIRA.....	21
2.3. CONCEITOS DE RAÇA E ETNIA: ESCRITORAS NEGRAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	22
2.4. A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR LEITOR	24
2.5. OS GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA	25
2.6. PROFESSORA, VAMOS ESCREVER UMA FANFIC? MAS O QUE É MESMO UMA FANFIC?	27
2.7. NOVOS ALUNOS, NOVOS MODOS DE LER E ESCREVER	28
2.8. POR ONDE CIRCULAM AS FANFICTIONS	29
3. METODOLOGIA	30
3.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA-AÇÃO E PÚBLICO-ALVO	31
3.2. A COLETA DE DADOS.....	32
4 PRODUTO DIDÁTICO.....	36
4.1. MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA DOS CONTOS: “OLHOS D’AGUA”, “MARIA” E “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”	37
4.2 A SEQUENCIA DIDÁTICA PARA TRABALHAR COM FANFICS.....	40
4.3 DESCRIÇÃO DOS MÓDULOS E ATIVIDADES.....	41
5 PALAVRAS FINAIS	51

6 REFERÊNCIAS	53
7 ANEXOS	55

1 INTRODUÇÃO

Com o intuito de desenvolver o projeto de dissertação do mestrado do curso de Letras – PROFLETRAS, trago um misto de discussão teórica com relato pessoal, puxando pelo fio da memória para refletir sobre a minha vida escolar e minha carreira acadêmica e profissional. Decidi começar este relato rememorando meus tempos de escola. Embora signifique voltar bastante no tempo, achei apropriado, pois, explica minha paixão pela literatura e como fui atraída para o campo das letras. Quando estava na terceira série do ensino fundamental li o poema “Ou isto, ou aquilo” de Cecília Meireles e fiquei encantada. Percebi que na vida somos obrigados a tomar decisões e fazer escolhas, nem sempre fáceis. Assim, a literatura infantil abriu caminho para a formação de uma nova mentalidade. A energia mágica da palavra também me foi apresentada na terceira série com a leitura do livro “O pequeno príncipe” de Saint Exupéry (1943), porém a história infantil foi usada para fins didáticos, com a professora fazendo perguntas aos alunos e induzindo-os a apenas uma interpretação, considerada a correta.

Já no ensino médio, tornei-me frequentadora assídua da biblioteca escolar, ambiente indispensável no processo ensino-aprendizagem, porém, desvalorizado e pouco atraente, na época gerido por uma professora em processo de aposentadoria. Quase sempre a sala da biblioteca se encontrava fechada, impossibilitando o trânsito dos alunos na apreciação dos livros. Diante desse problema de falha nos processos de empréstimo, renovação e devolução, fiz uma reclamação na diretoria e fui chamada de “neguinha topetuda” pela professora responsável, que ficou muito irritada com a minha crítica. Eu era a menina pobre, negra, oriunda do meio rural, caçula de uma família extensa, com treze irmãos. Única a frequentar o ensino médio e, posteriormente, uma universidade, a “negrinha topetuda” viu na literatura e no magistério uma oportunidade de encerrar o ciclo de marginalização e pobreza em que estava inserida.

Me formei em Magistério no ano de 1994 e fui trabalhar em uma escola do campo, com classes multisseriadas de educação infantil, onde enfrentei os primeiros desafios da minha carreira docente, pois tinha que atender aos vários níveis de escolaridade dos discentes, além de desempenhar vários papéis como a preparação da merenda escolar e a limpeza do ambiente. No ano de 1999, passei

no concurso público municipal e fui transferida para a sede do município, trabalhando com classes regulares do Ensino Fundamental I. Hoje, Professora de Língua Portuguesa do sétimo ao nono ano na rede pública municipal e Literatura do primeiro ao terceiro ano do Ensino Médio na rede Estadual, continuo com a mesma sede de mudança, agora almejada para meus alunos e alunas que vivem a mesma realidade em que eu vivia.

Fiz minha graduação em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia(UNEB) Campus II, Alagoinhas, enquanto trabalhava. Foram tempos difíceis, de muito trabalho e problemas de deslocamento, porém, posso afirmar que vivi meus melhores anos. A satisfação de estar cursando uma faculdade pública e o encantamento em aprender, em conviver com professores e colegas no meio acadêmico, além do conhecimento adquirido em que eu repassava aos meus alunos, me faziam esquecer o cansaço e vislumbrar dias melhores.

Foi no espaço universitário que vivi minhas experiências mais marcantes. Me emocionei com a leitura de João Guimarães Rosa com sua escrita regionalista; me identifiquei com a vida e os pensamentos de Miguelim, personagem do primeiro livro do autor em que me deleitei: “Manuelzão e Miguelim” (1986); rememorei minha infância e a saúde do meu pai, com o conto “A terceira margem do rio”, do mesmo autor. Aprendi também a importância de se construir memórias, com o filme “Narradores de Javé” (2003), que usa a memória popular para evitar o desterro coletivo e sobre como a escrita pode mudar nossa vida e nossa realidade, através do filme “Escritores da Liberdade” (2007).

No ano de 2011, passei no Concurso Público da rede Estadual de Ensino, para lecionar Literatura nas turmas de Ensino Médio, o que me fez refletir sobre o ensino dedicado à literatura tanto no ensino médio quanto na educação básica, pois é notório o apagamento da leitura literária na escola, o que me fez buscar alternativas metodológicas que me permitissem oferecer uma efetiva educação literária aos estudantes.

Um dos meus maiores desafios lecionando no Ensino Fundamental Anos Finais sempre foi o de fazer com que o aluno tomasse gosto pela leitura e escrita, pois quando se trata de produção textual na escola, especialmente no ensino fundamental nos deparamos com alunos que não gostam de escrever e vemos que não basta oferecer várias opções de livros para que eles criem o encantamento para o ler. É preciso algo mais. Então o que eu tenho que fazer para desenvolver

um trabalho mais consciente, reflexivo e de melhor qualidade? Essa era uma pergunta recorrente na minha prática. Uma coisa que descobri com meus anos de experiência docente é que para escrever bem, é preciso ler muito e com diferentes finalidades, contemplando as duas dimensões fundamentais da escrita: a sócio discursiva e a cognitiva, criando possibilidades para a construção de um trabalho salutar no que se refere à formação de leitores competentes. Muitos alunos sentem-se desanimados, pois, durante seu percurso na escola escreveram textos apenas para o professor ler, e não para interagir na sociedade. É necessário criar situações de escrita que causem algum efeito nos interlocutores, o que exige do aluno um certo grau de conhecimento sobre assuntos variados, requer um saber posterior.

Para ensinar a elaborar e produzir textos, temos que propiciar diversas situações de escrita, dando especial atenção ao ensino do sistema alfabético de escrita na produção coletiva, para atender a finalidades claras e endereçar a destinatários variados. Segundo Antunes (2003, p. 48) “se prestarmos atenção à vida das pessoas nas sociedades letradas, constataremos que a escrita está presente, como forma constante de atuação, nas múltiplas atividades dessa pessoa”. Sendo assim o processo de escrita torna-se um ato de interação social, porém nem sempre nós, professores, temos clareza da necessidade de sistematizar o ensino de produção de textos que permitam ao aluno vivenciar situações de escrita com certa frequência, prática fundamental para o desenvolvimento de capacidades que desencadeiam o desenvolvimento da mesma.

Enquanto professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, anos finais e de Literatura no Ensino Médio, percebi que para melhorar o nível de aprendizagem das crianças e dos adolescentes é importante a inserção das mesmas em diferentes experiências de letramento relacionadas ao uso social de leitura e escrita, sendo necessário colocar os estudantes em contato com diferentes suportes de textos e diferentes gêneros textuais, atendendo assim, a proposta de alfabetização e letramento. Ressalto ainda a importância da avaliação diagnóstica para posteriormente pensarmos em ações para superar as dificuldades encontradas. Com a experiência adquirida nos cursos supracitados, implantei nas salas de aula em que trabalho as bibliotecas de classe, que possibilitaram várias situações didáticas como: catalogar os livros; escolher o livro para o professor fazer o momento de leitura; rodas de conversas sobre os textos; selecionar os títulos que

mais foram lidos pela turma; escrever o nome do livro na ficha de empréstimo individual; escrita de comentário sobre o livro lido em casa; escrita de recomendação de leitura; escrita de curiosidades nas enciclopédias sobre um tema; ler para aprender mais sobre um tema; escrita de textos e combinados que se deve ter ao usar os livros; produção de escrita com transgressões dos textos lidos fazendo reescrita e melhorando a produção.

Em torno da biblioteca também foi trabalhado um projeto de indicação literária. Como empreendimento desse projeto, os alunos tiveram que escrever quatro tipos de indicações diferentes, fazer descrição dos personagens e do ambiente, além de narrar parte da história.

A organização do trabalho pedagógico por meio de sequência didática por série/ano, escolhendo os gêneros textuais que melhor se adequassem à turma possibilitou trabalhar as expectativas de aprendizagens, os aspectos discursivos e notacionais indicados para cada período. Desenvolvi também projetos institucionais de leitura durante o ano letivo, em parceria com outras professoras de língua portuguesa de outras escolas municipais. *Um pé de livro* foi um desses projetos, onde os alunos enfeitavam uma árvore da praça com livros para serem lidos ao ar livre e para a visita de toda a comunidade. Outro projeto que merece destaque foi o *palco de leitura*, onde os alunos escolhiam um livro preferido na biblioteca de classe, levavam para casa, e no outro dia faziam a leitura em voz alta para seus colegas, num palco colocado no pátio da escola. Aprendi que deveríamos relacionar nosso fazer pedagógico às experiências trazidas pelos alunos, procurando ouvir a todos e direcionando a discussão e a sistematização do conhecimento, dando, assim, suportes para que o conhecimento seja construído no diálogo entre os presentes e incentivando o desenvolvimento de argumentações para, a partir das reflexões entre diferentes pontos de vista, surgir novos fazeres, novas culturas de sala de aula. A disposição para ouvir, respeitar e argumentar com compreensões diferentes trará rica contribuição para a continuidade da construção da autonomia socializada em sala de aula.

Movida por um desejo de mudar a realidade de crianças e jovens da minha comunidade escolar, me candidatei a uma vaga para o curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/ Universidade Federal de Sergipe/ São Cristóvão. Enquanto cursava as disciplinas ofertadas, pude refletir sobre o poder libertador da literatura e descobri que enquanto a literatura humaniza o homem,

Cândido (2011), o racismo o desumaniza. Para comprovar esse poder libertador, rememoro um episódio de racismo sofrido por mim, e não sentido ou não entendido, na época do seu acontecimento. Não tinha consciência da violência que estava sofrendo e do quanto meu pequeno corpo negro tinha sido violentado e desrespeitado. A tomada de consciência veio ao ler “Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano”, de Grada Kilomba (2020), onde ela relata um episódio de racismo genderizado¹. Essa leitura me trouxe uma lembrança traumática, por vezes dolorosa, vivenciada na escola José Osete de Carvalho, mesma escola em que leciono hoje. Cursava a terceira série do Ensino Fundamental com uma professora (loira) que ia todos os dias muito arrumada para a sala de aula. Certo dia na hora do intervalo recebi o convite da professora para ir à sua casa, localizada na praça. Chegando lá ela me mostrou a casa e pediu que eu a varresse, solicitação prontamente atendida, mesmo que sem jeito, pois a minha casa era de chão batido e eu não tinha intimidade com pisos de cerâmica. Concluída a tarefa, mais um pedido inusitado: você poderia lavar os pratos? Embora a tarefa me parecesse hercúlea, dada a minha falta de familiaridade com a pia, torneira e utensílios muito diferentes das vasilhas que usava na minha casa e eram lavadas numa bacia em cima de um girau², concluí a tarefa com o maior capricho e da maneira que pude. Nos dias subsequentes, sempre na hora do recreio, a professora me pedia para ir à sua casa varrer e lavar os pratos. Me entregava a chave, o que me deixava lisonjeada por me ser confiada tarefa tão importante. Tudo ia bem, até o dia em que a professora resolveu telefonar para ver como eu estava me saindo com as tarefas. Fiquei assustada com o barulho do telefone, não sabia como e nem se deveria atender. Quando estava varrendo a cozinha, a geladeira começou a “funcionar”, fazendo um barulho estranho (para mim), e comecei a ficar com medo.

¹ “Nesse sentido, o impacto simultâneo da opressão “racial” e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres *negras* e outras mulheres racializadas. Suas manifestações, explica Philomena Essed, se sobrepõem a algumas formas de sexismo contra mulheres *brancas* e racismo contra homens *negros*. Portanto é útil falar em *racismo* genderizado. (Essed, 1991, p.30) para se referir à opressão racial sofrida por mulheres *negras* como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero”. (Kilomba, 2020, p.99) papéis de gênero”. (Kilomba, 2020, p.99) para se referir à opressão racial sofrida por mulheres *negras* como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero”. (Kilomba, 2020, p.99)

² Estrado de varas sobre forquilhas cravadas no chão e que serve para guardar utensílios.

Saí correndo e esbarrei na fruteira, espalhando as frutas pelo chão. No outro dia não queria mais voltar lá, então a professora designou uma coleguinha da cidade, mais esperta (e branca) para me acompanhar até que eu terminasse as tarefas domésticas. E assim foi, até que um dia, ao chegar na sala dos professores, sem ser notada, a vi relatar, às gargalhadas, o episódio do meu medo às outras colegas professoras.

Percebi que além de empregada eu também servia de chacota para ela. Foi muito doloroso. Me calei e nunca mais voltei lá. Eu não me lembro se fui capaz de dizer alguma coisa, mas sei que saí dali com um sentimento de decepção, de ter sido usada por aquela que deveria me proteger. Nossa relação professora/aluna foi transformada em senhora/servente, “uma construção de fora para dentro”. Kilomba (2020, p.99)

A menina negra e pobre, outrora apelidada de “topetuda”, começou a desconstruir o processo de invisibilidade, e agora tenta dar voz a outras meninas negras através do poder libertador da literatura e, para realizar tal feito, chegou ao seguinte problema de pesquisa: Porque os alunos do Ensino Fundamental não gostam de ler textos literários? Surgido a partir das queixas ouvidas nas turmas, de que não gostam de ler, e que literatura é muito chata. O que nos fez repensar os encaminhamentos sobre as práticas de leitura e escrita atreladas ao letramento argumentativo dos estudantes, desenvolvendo um projeto a partir das leituras de contos do livro “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, para assim, debater questões com relação ao papel da mulher negra na atualidade, levantar questões raciais e ajudar no processo de construção da identidade das crianças negras.

Para dar suporte ao nosso trabalho, traremos a visão sobre leitura, estratégias de leitura e inserção dos gêneros textuais nas aulas de português, de autores como Solé (1998), Marcuschi (2008) e Rojo (2004). Sobre o fenômeno fanfiction, recorre-se à visão de Vargas (2015). Para abordar sobre o poder humanizador da literatura, traremos Cândia (2011) e Compagnon (1999). Usando como referência escritoras negras como Evaristo (2016), Kilomba (2020), Oliveira (2020), dentre outras, que trazem em suas narrativas a subjetividade de negras e negros, suas vivências e seu ponto de vista, auxiliando-os na construção do senso crítico e na reflexão da sua real condição, abrindo espaço para discussão sobre inclusão e cidadania, sem deixar de pensar na obrigatoriedade dos estudos da cultura afro e afro-brasileira nas escolas do país, instituída pela lei 10639/ 2003, em

seu "Art. 26-A, que institui: "Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira."

Este projeto ³está seccionado em introdução, logo após encontra-se o aporte teórico, o percurso metodológico acompanhado das considerações finais, referências e anexos.

2 APORTE TEÓRICO

Tendo em vista o reconhecimento de que a escola é um espaço de encontro e interação entre os sujeitos, é urgente a necessidade de o professor ressignificar o ensino de língua portuguesa, levando em consideração um trabalho com atividades que conduzam os educandos a compreender a função social da linguagem. Como uma das modalidades de uso da língua, a escrita cumpre um papel importante no contexto social. Ela está presente em inúmeras atividades desempenhadas pelas pessoas, como por exemplo, no trabalho, na vida social, no ambiente familiar, em tantas outras situações que envolvem participação de sujeitos. Dessa forma, o trabalho com a escrita literária precisa ser mediado por um planejamento que privilegie a produção de textos que tenham significados para os alunos e que eles sejam motivados a participar das aulas. Portanto, desenvolvemos um trabalho em sala de aula utilizando um tema bastante relevante que é o das escrevivências, tendo como proposta de sequência de atividades o uso do gênero *fanfiction* ou *fanfic*. Selecionamos tal gênero por compreender que ele proporcionará ao aluno seu desenvolvimento leitor e o autogerenciamento de sua aprendizagem. Julgamos pertinente investigar se ele contribui para consolidar um trabalho com leitura e escrita, e se o seu uso ajuda os estudantes a desenvolver a competência leitora por meio do gênero textual conto de escrevivência.

2.1 A LEITURA LITERÁRIA E O COMPORTAMENTO LEITOR

³ Os resultados desta seção foram apresentados na forma de comunicação oral no IX Encontro das Ciências da linguagem Aplicadas ao Ensino – ECLAE, 2023, realizada nos dias 11 a 13 de setembro de 2023, na Universidade Federal da Bahia – UFBA. (MARQUES, 2023).

A Leitura é considerada literária “quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa”. Paulino (2010, p.32). Sendo assim, a leitura literária pode ter um impacto significativo e influenciar o comportamento leitor de várias formas: desenvolvendo a empatia ao se colocar no lugar dos personagens, experimentando suas perspectivas e emoções; estimulando a criatividade e a imaginação, encorajando-os a pensar e criar suas próprias histórias; melhorando na forma de se comunicar e se expressar; desenvolvendo habilidades de comunicação e expressão, já que enriquece o vocabulário; desenvolvendo habilidades críticas e analíticas, uma vez que muitas obras literárias contêm complexidades e nuances que requerem uma leitura cuidadosa e uma análise mais profunda; ampliando suas perspectivas, ajudando-os a entender melhor o mundo ao seu redor. Logo, a leitura literária constitui uma prática capaz de fazer com que se questione um mundo já organizado, vislumbrando outras possibilidades de vida e de convivência.

Por ser uma prática capaz de levar o sujeito a fazer questionamentos sobre a forma de organização social, a leitura literária pode ser um poderoso instrumento para trabalhar com os diversos discursos e gêneros textuais. É tendência da escola tornar comportamentos homogêneos, contudo o professor, no papel de mediador docente, deve apresentar uma leitura literária que estimule a imaginação e a valorização da diversidade cultural.

Os Mediadores de Leitura têm papel fundamental para promover um encontro entre a obra e o leitor e criar, entre os dois, um fascínio. Descobri esse fascínio pelos livros de uma forma “acidental”, pois a professora que o apresentou a mim não tinha essa intenção do encontro, usando o texto apenas para trabalhar questões gramaticais, mas, como a motivação para a leitura varia de um indivíduo para o outro, descobri as emoções que nele residiam durante a primeira infância. Tive como mediador de leitura o meu pai que, apesar de não alfabetizado, trazia, por meio das narrativas orais, histórias de medo, terror, peripécias de Lampião⁴ e Bocás⁵, que sempre com sua esperteza ludibriava o rei, e saía como vencedor. Nesse caso, a oralidade fez a mediação com o texto literário, sendo assim, não há

⁴ Trata-se de Virgulino Ferreira da Silva, chefe cangaceiro famoso no sertão nordestino.

⁵ Mais tarde, descobri tratar-se de Manuel Barbosa do Bocage, poeta português conhecido por sua poesia satírica e anedótica.

procedimento específico para o trabalho do mediador de leitura, o que é preciso é que ele consiga passar sua paixão pelos livros e que esteja disposto a compartilhar esse encantamento com seus alunos, criando momentos propícios para tal.

Durante muito tempo, o ensino da literatura esteve centrado na estrutura da obra, configurando-se como um modelo redutor de apreensão do literário. Esse olhar passou a considerar apenas o sentido estrutural da obra e não sua relação com o contexto social e com o papel que a história desempenha na sociedade. Nesse percurso, surge na obra de Antonio Cândido “A literatura e a formação do homem” (1972), a abordagem que trata especificamente da função humanizadora da literatura, isto é, da capacidade que a literatura tem de confirmar a humanidade nos seres humanos. Para o pensador brasileiro, a literatura precisa ser considerada, sobretudo, “como força humanizadora” e não somente como sistema de obras” Cândido (1972, p. 806). Logo, devemos lançar um olhar à literatura que valorize a diversidade cultural do nosso país, ofertando aos discentes uma literatura decolonial.

2.2. LEI 10.639/2003: LEITURA E ENSINO DA LITERATURA AFRO BRASILEIRA

Por meio do Movimento político de mobilização racial negro Movimento Negro (MN) no Brasil e outros grupos sociais, foi instituída a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira, em todas as escolas públicas e particulares de Ensino Fundamental e Médio em todo o país, preconizando a Literatura como uma das três principais áreas onde esse trabalho deva ser feito. É importante ampliar o conhecimento e conscientizar os alunos sobre a história e cultura afro-brasileira, bem como o lugar social em que a escrita da Literatura Negra aparece e as heranças ancestrais que influenciaram seus textos. É fundamental que gestores e profissionais da educação compreendam a necessidade de focar nas questões raciais, no processo de construção da identidade das crianças negras, que não são vistas como bonitas e como produtoras de intelectualidade, arte e cultura e que a literatura reproduza a realidade do que vivemos, com personagens contextualizados, formando famílias, trabalhando. Para isso, os profissionais devem fazer projetos pedagógicos que tratem da diversidade brasileira, do fortalecimento e empoderamento daqueles grupos que são marginalizados na sociedade.

É inegável que o racismo é estrutural e que os preconceitos são aprendidos. Logo, a responsabilidade em reverter a desumanização de longa duração produzida pelo racismo é de todos nós, pois a forma social escravista ainda perdura nos dias atuais e a população negra e indígena são desumanizadas, lhes foram negadas sua condição humana e sua dignidade, e podemos usar a literatura para dirimir tais preconceitos, apresentando-a a partir do pensamento negro, com personagens negras, a partir de uma experiência negra, textos que englobam em sua centralidade, aspectos das culturas afro-brasileiras e africanas, que conferem o necessário protagonismo do negro e propicia, através da mediação, desvelar/discutir com as crianças o racismo estruturante da cultura brasileira. Além disso, por interrogar estereótipos, refletir sobre preconceitos, evidenciar intolerâncias, os diálogos propiciados por esses textos se mostram potentes para produzir deslocamentos importantes nos modos de ser e agir dos sujeitos.

2.3 CONCEITOS DE RAÇA E ETNIA: ESCRITORAS NEGRAS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Os conceitos de raça e etnia são usados, geralmente, de forma intercambiável, porém, raça é uma categoria social usada para classificar pessoas de acordo com suas características físicas, sendo uma construção social categorizante com base em supostas diferenças biológicas entre os grupos, promovendo assim a discriminação e a desigualdade. Já etnia é uma categoria social referente a um grupo de pessoas que compartilham uma cultura, língua, religião ou origem geográfica em comum, transmitida de geração em geração, como bem definiu o professor Munanga (2003, p. 12)

“O conceito da raça é morfo-biológico e o da etnia é sociocultural, histórico e psicológico. Um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.”

Alguns pesquisadores brasileiros recorrem ao conceito de raça para explicar o racismo, outros o substituem pelo conceito de etnia, na tentativa de uma fala mais politizada, porém a realidade do racismo permanece a mesma, independente do conceito.

Segundo a autora Kiusam de Oliveira (2022) faz-se necessário priorizar questões de raça e gênero, quando se pensa em histórias escritas e narradas para empoderar crianças negras. Ela nos apresenta uma possibilidade decolonial para contar histórias, usando conceitos chave como ancestralidade, tendo como base teórica a Pedagogia Ecoancestral e a Literatura Negro Brasileira do encantamento Infantil e Juvenil – LINEBEIJU, onde defende ser necessário pesquisar, criar e utilizartecnologias agenciadas pelo olhar crítico e negro sobre o país, para, com essa criticidade, criar e contar histórias negro-brasileiras aprofundando e africanizando-as,despindo-se de todo o preconceito que ouviu até então, e numa perspectiva decolonial, contar histórias que despertem o encantamento da criança negra pelo próprio corpo. A autora aponta ainda alguns pontos necessários para contar histórias numa perspectiva decolonial e negrorreferenciada, sendo uma delas, entender que ocontinente africano é berço da Humanidade, possibilitando, assim, que construam histórias épicas.

É de suma importância apresentar heróis e heroínas negros, recontando suas histórias, empoderando assim, as histórias de quem as ouve, fortalecendo as identidades pessoais e coletivas, pois as histórias negrorreferenciadas tem esse poder de encantar as crianças negras, fortalecendo-os contra as práticas discriminatórias. A autora traz a Pedagogia Ecoancestral para pensar “as relações educacionais e educativas a partir de uma corporeidade negra, um contracorpo negrorreferenciado, capaz de entender que resistir às violências também é um ato sagrado” Oliveira (2020, p.5)

Apresenta ainda dez princípios da Pedagogia Ecoancestral, a saber: 1. É uma pedagogia feminina e que combate o sexismo; 2. Entende as infâncias como territórios de ação para os Direitos Humanos ; 3. Demonstra consciência de que existe a colonialidade no e do poder; 4. Estabelece ruptura a partir da decolonialidade; 5. Revela necessidade de emancipação epistêmica; 6. Reconhece a importância da formação para a Educação das Relações Étnico-Raciais; 7. Luta por uma educação antirracista; 8. Dá-se na relação profunda com o ecossistema; 9. Ressignifica o conceito de corpo para o de corpo-templo-resistência, destacando que um corpo é sempre político; 10. Considera a ancestralidade africana e seu protagonismo no planeta Terra.

Para contar histórias negrorreferenciadas faz-se necessário pensar a literatura que proponha o acolhimento, a inclusão e o combate ao racismo como é o

caso da Literatura negro-brasileira no encantamento infantil e juvenil (LINEBEIJU), parte da Pedagogia Ecoancestral, que sustenta-se em cinco obeliscos: ancestralidade, encantamento, Ecoancestralidade, mulher negra, afrocentricidade.

A contação de histórias na Pedagogia Ecoancestral se opõe ao colonialismo e a colonialidade, a hegemonia epistemológica eurocentrada. Faz-se necessário atentar-se para algumas etapas, para que se tenha êxito na contação de histórias negrorreferenciadas: a escolha das histórias. A mediação da leitura - uma conversa mergulhada na temática escolhida, preparando, assim, para que as crianças fortaleçam seus corpos para se tornar resistentes a qualquer tipo de violência que lhes são direcionadas cotidianamente, trazendo histórias com situações de conflitos étnico- raciais, mostrando caminhos para resolvê-los, usando diversas possibilidades de ação, plataformas e recursos que contenham valores e princípios disruptivos da pedagogia Ecoancestral e da LINEBEIJU, além de usar seus talentos para trazer sua verdade, sua potência, ou porque não dizer, afropotência. Vemos nos gêneros textuais um mosaico de possibilidades para trazer essas histórias à sala de aula, mas, para isso, precisamos que os professores e professoras estejam preparados e comprometidos, para além do currículo oficial.

2.4 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR LEITOR

Tendo em vista a dimensão do papel do mediador literário e o impacto que a leitura pode causar em nossas vidas, o professor precisa, antes de tudo, ser um leitor contumaz, para que ele possa despertar seus alunos para o mundo da leitura. Durante os anos de experiência como professora de Língua Portuguesa, ouvi queixas dos colegas professores de que os alunos não gostam de ler. Pude observar também que os mesmos não costumam ler muitos textos literários, tampouco os textos técnicos que darão embasamento teórico às suas aulas. Com a rotina de aulas e carga horária extensa, o professor acaba ficando sem tempo de ler, tanto para sua formação pessoal, quanto para o deleite.

Além do mais, no que tange à formação do professores enquanto leitores literários, devemos nos perguntar se esses profissionais foram apresentados às produções de autores e autoras negras, durante seu período de graduação. Se não há contato com produções desse tipo nas universidades, suas vozes não serão

ouvidas, e em consequência disso, não chegarão ao chão da escola. Segundo Grada Kilomba “a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de violência” Kilomba, (2019, p. 51). Pois, se não há nos cursos de formação para professores um ensino voltado para uma perspectiva decolonial, como os professores irão inserir nas suas aulas leituras necessárias para compreender o racismo cotidiano e, posteriormente, promover reflexões acerca das desigualdades e violências sofridas pela população negra?

Logo, é urgente que os cursos de graduação voltados para formação de professores apontem títulos que tratem das questões raciais, para que eles possam, com a diversidade literária, apresentar aos alunos suas experiências e transmitir os valores que a literatura tem a proporcionar.

O professor deve estar atento ao que o aluno traz de conhecimento sobre determinado tema, e como ele constrói a coerência a partir daí, pois a bagagem deixada em cada um de nós quando lemos, reflete na nossa formação enquanto sujeito participante da sociedade. A leitura é uma prática que deve ser incentivada pelos professores, mas para isso, eles precisam despertar para o mundo da leitura.

2.5 OS GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA

Nas atividades de compreensão e produção textual é importante apresentar uma diversidade de gêneros, logo, o professor deve estar familiarizado com o conceito de gênero textual, bem como de tipo textual e sobre o contexto social onde os mesmos circulam. A mais conhecida distinção entre tipos de texto e gêneros textuais é feita por Marcuschi (2004, p. 3), que descreve o **tipo textual** como

“ Uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meiadúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Quanto aos **gêneros textuais**, que estão diretamente ligados à vida cultural e social, contribuindo na ordem das atividades comunicativas do cotidiano, o autor diz que usamos tal expressão como uma noção vaga para se referir aos inúmeros

textos “materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. (Marcuschi, 2004). Nessas definições do autor, fica clara a diferença entre *tipos de texto* e *gêneros de texto*: os *tipos de texto* são classes, categorias de uma gramática de texto (Linguística Textual) – portanto, “uma construção teórica” – que busca classificar os textos com base em suas características linguísticas e gramaticais. Estes tipos de texto mais conhecidos – descrição, narração, dissertação/argumentação, exposição e injunção – vêm sendo ensinados e solicitados pela escola há pelo menos uma centena de anos, o que faz deles também gêneros escolares, que somente na escola circulam, para ensinar o “bem escrever”. Rojo (2013).

Aprendemos, com o convívio social a reconhecer as características desses textos, pois é na prática social de linguagem que esses modelos vão se estabelecendo e sendo usados em situações específicas, sofrendo variações de acordo com as mudanças sociais, e assim novos gêneros aparecem e outros caem em desuso. Mesmo sendo relativamente estáveis, as leis que os regulam são maleáveis e plásticas Bakhtin (1992), havendo sempre uma possibilidade de confundir os gêneros, que pertencem a diferentes contextos e diferentes estilos, e o reconhecimento do seu funcionamento institucional irá nos ajudar a determinar os padrões de linguagem que usaremos em contextos sociais distintos.

Independente do gênero textual ao qual pertencem, os textos se constituem de segmentos de diferentes características e natureza, representando diferentes atitudes enunciativas são denominados de tipos textuais: narrativo, expositivo, argumentativo, descritivo, instrucional e dialogal. Enquanto os gêneros são categorias que circulam na vida social, se renovam de acordo com a necessidade, com o surgimento de novas tecnologias e novos suportes. Os tipos textuais são mais estáveis, atitudes enunciativas que acarretam modos de emprego característicos dos recursos linguísticos e se relacionam com o estilo de gêneros textuais.

Diante do exposto, ressaltamos que o trabalho em sala de aula com os gêneros não deve ser circunscrito apenas aos aspectos formais e sim, de maneira funcional, para que os alunos produzam textos em gêneros diversos, adequando seu uso à situação social, pois é mais importante ensiná-los a ler e escrever os diversos gêneros do que classificá-los; requer um ensino voltado para a exploração

de componentes caracterizadores, que segundo Bakhtin (1992) são: a temática, a forma composicional e o estilo. Os alunos chegam à escola dominando os gêneros da convivência, logo, o professor precisa conhecer, analisar as funções e as características formais desses gêneros.

2.6 PROFESSORA, VAMOS ESCREVER UMA *FANFIC*? MAS, O QUE É MESMO UMA *FANFIC*?

É uma queixa recorrente entre os professores o fato de que os alunos não gostam de ler nem escrever textos em sala de aula. Eu, no auge dos meus 23 anos de experiência como professora, também corroborava com esse pensamento. Dessa forma, em um dia em que tentava, em vão, fazer com que meus alunos lessem obras clássicas da literatura universal, e expressei essa minha queixa à turma, uma aluna me respondeu que eles leem sim, então, o que eles faziam nas redes sociais? E ao enviar mensagens aos *best's* (amigos)? Não era leitura e escrita? Ao passo que uma outra aluna me sugeriu: professora, vamos escrever uma *fanfic*? Mas o que é mesmo uma *fanfic*? Eu não sabia. Percebi naquele momento que essa nova modalidade (nova, pelo menos, para mim) de gênero textual já estava inserida no universo dos alunos, e eu precisava tê-la como aliada para incentivar a escrita deles.

Por reconhecermos esse importante papel da literatura, propomos práticas de leituras literárias bem como a escrita do gênero *fanfiction* ou *fanfic*, que, embora não tenha surgido em ambiente virtual, sua popularidade ocorreu através dele, como elementos importantes para desenvolver a humanização nos educandos. Nesses textos, os alunos podem expressar em sua escrita impressões de conhecimento de mundo, exercitar a reflexão e a capacidade de lidar com os problemas da vida.

A literatura tem esse poder à medida que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, e para o semelhante (Cândido, 2011). Dessa forma, a utilização dos diferentes gêneros textuais digitais tornam-se recursos didáticos importantes para o desenvolvimento de um trabalho que contemple a leitura e a escrita, e, sobretudo, alcance o interesse do estudante. A escrita literária precisa ser mediado por um planejamento que privilegie a produção de textos que

tenham significados para os alunos, e que eles sejam motivados a participar das aulas, mostrando autores e autoras que tragam diversas vozes, sensibilizando por meio da linguagem, humanizando com a expressividade poética, através de uma poesiaperiférica capaz de torná-los críticos e reflexivos.

Ao refletir sobre essas questões penso ser possível desenvolver um trabalho em sala de aula utilizando um tema bastante relevante que é o conto de escrivência (Evaristo, 2016). A escolha do gênero conto narrativo, especificamente de Conceição Evaristo, justifica-se por serem histórias narradas por mulheres, às quais há combinação entre a ficção e a vida real, além de ter como autoria dos contos uma escritora mulher, negra e de origem humilde. Esses fatores foram determinantes para optarmos pelos contos da autora supracitada, pois são recursos didáticos que estimulam a autoestima dos alunos, que passam a se reconhecer nas narrativas. Ou seja, é possível que alunos residentes em bairros periféricos já tenham visto ou vivenciado situações parecidas com as cenas da história. Nessa perspectiva, a leitura desse tipo de conto proporcionará no leitor um prazer e uma emoção capazes de ajudá-los a compreender conflitos do cotidiano e buscar alternativas diferentes para sua vida, porque a literatura humaniza o homem e atua em sua formação (Cândido, 2011); além do mais, todas as narrativas partem da dor. Por que não podemos contar nossas histórias a partir da alegria? então ao recontar essas narrativas, os alunos terão a oportunidade de o fazer através da alegria, dando um outro final às personagens, e também uma esperança de mudar seu futuro.

2.7 NOVOS ALUNOS, NOVOS MODOS DE LER E ESCREVER

O processo de desenvolvimento tecnológico alcançou as sociedades e passou a exigir uma constante atualização dos indivíduos frente aos novos meios e produtos advindos desses avanços. É evidente perceber a crescente presença da tecnologia em nossos modos de vida do cotidiano, bem como ampliou-se a difusão do conhecimento através das novas e múltiplas mídias digitais, as quais alcançam todos os segmentos da esfera social, inclusive a escola. No contexto escolar é cada vez mais emergente buscar novas formas de ensinar como possibilidades de atender às perspectivas sociais, culturais e dentro da realidade de mundo dos estudantes. Pensarem propor um trabalho que atenda às novas demandas da

sociedade é um desafio que envolve o cenário educacional, e, ao mesmo tempo, requer um esforço maior dos professores em assumir um papel de mediador das práticas pedagógicas, visando a participação ativa dos alunos. As concepções recentes obtidas por pesquisas e estudos das legislações, como é o caso da Base Nacional Comum Curricular (2018), mostram que as práticas sociais da contemporaneidade têm sido marcadas por forte influência das tecnologias e das múltiplas culturas, passando a fazer parte da constituição dos sujeitos do século XXI. Nesse sentido, as práticas educativas vêm enfrentando o desafio de trabalhar com um novo perfil de estudante que, imerso em um universo de múltiplas linguagens, sente-se motivado a participar do seio da cultura digital, dando, inclusive, significativas contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. Dentro desse contexto, a utilização dos diferentes gêneros textuais digitais torna-se recursos didáticos importantes para o desenvolvimento de um trabalho que contemple a leitura e a escrita, e, sobretudo, alcance o interesse do estudante. Como exemplo de gênero temos o *fanfiction* ou *fanfic*, que, embora não tenha surgido em ambiente virtual, sua popularidade ocorreu através deste.

O *fanfiction* ou *fanfic* é um gênero que desperta o interesse, estimula a imaginação e a criatividade de seus criadores, bem como trabalha a produção escrita, uma vez que esses escritores constroem essas histórias de livre e espontânea vontade, por puro prazer em escrever e dar continuidade a seus romances favoritos. Os fãs e autores mudam seu papel de meros consumidores e receptores para autores de sua própria história, pois na construção das *fanfics*, recriam, ampliam, mudam o foco, fazem paródia das histórias de acordo com seus gostos e interesses, e compartilham seus textos com pessoas que apresentam certo nível de proximidade e identificação com as histórias originais. Dito isto, a *fanfic* é um gênero relevante para as práticas de leitura e de escrita.

2.8 POR ONDE CIRCULAM AS FANFICTIONS

Para produzir uma *fanfic*, o aluno precisa planejar o texto, além de publicá-lo em uma plataforma adequada e realizar processos de edição e reescrita, bem como fazer comentários e críticas. Tudo isso dialoga com o engajamento para a escrita e com as habilidades relacionadas aos gêneros narrativos de um modo geral

em Língua Portuguesa. A *fanfic* é um gênero textual contemporâneo, em que fãs de determinado produto cultural escrevem e compartilham histórias alternativas inseridas em um mesmo universo ficcional. Pode ser um filme, livro ou até mesmo um jogo de videogame: o importante é partir do que os alunos já conhecem ou vivenciam para propor novas práticas de escrita e leitura nas aulas de Língua Portuguesa. Por ser um gênero que envolve as mídias digitais, este trabalho está apoiado nos estudos das Multimodalidades e Leituras, organizados por Angela Paiva Dionísio (2014). Nesse estudo as pesquisadoras falam sobre como os profissionais envolvidos com a educação e com a linguagem devem compreender os fatores que podem ser considerados facilitadores do processo de aprendizagem para que possam utilizar os recursos semióticos disponíveis a fim de construir uma aprendizagem significativa, conforme constam na BNCC (2018).

As *fanfictions* circulam principalmente na internet, em sites e fóruns dedicados a essa forma de escrita. Existem diversas plataformas específicas para *fanfictions*, como o *FanFiction.net*, *Archive of Our Own* (AO3), *Wattpad*, entre outros.

Esses sites oferecem um espaço para os autores compartilharem suas histórias com outros fãs, bem como para os leitores descobrirem novas *fanfictions* e interagirem com os autores e outros fãs. Muitos desses sites possuem categorias para diferentes gêneros, fandoms e níveis de conteúdo, além de ferramentas para classificar e avaliar as histórias. Além disso, as *fanfictions* também podem ser encontradas em redes sociais, como o Tumblr e o Twitter, onde os fãs compartilham suas criações e interagem com outros membros da comunidade de fãs. As *fanfictions* também podem ser distribuídas em formatos digitais, como PDFs, e-books e outros tipos de arquivos, que são compartilhados em sites de compartilhamento de arquivos ou através de trocas diretas entre os fãs.

3 METODOLOGIA

Neste tópico relativo aos procedimentos metodológicos, disporemos as etapas que estarão presentes na sequência de atividades a fim de que possamos delinear o percurso de como ocorreu a concretização de um trabalho baseado em promover resultados significativos nas aprendizagens dos estudantes. No primeiro

momento, falamos do produto que, nesse caso, será um Caderno pedagógico. No segundo momento, tratamos da sequência didática que o integrará e será parte fundamental para a realização das atividades.

Para a execução deste trabalho, será desenvolvido um Caderno Pedagógico, objetivando auxiliar no trabalho docente do professor de Língua Portuguesa da educação básica, e que possa ser replicado por docentes de todo o país. Cientes das dificuldades de acesso às ferramentas de trabalho e da falta de habilidade de muitos professores em lidar com as novas tecnologias, escolhemos o Caderno pedagógico como culminância de nossa proposta porque este gênero apresenta uma linguagem simples e objetiva, podendo ser muito útil no dia a dia do professor, facilitando o seu trabalho em sala de aula, com atividades simples, a fim de que qualquer professor de LP do país possa desenvolvê-las.

3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA-AÇÃO E O PÚBLICO-ALVO

Instrumento que dá suporte ao professor para refletir empiricamente sobre sua prática pedagógica, a pesquisa-ação pressupõe uma ação planejada sobre um problema coletivo na busca de uma solução que também atenda a esse coletivo, onde tanto o professor quanto os alunos participam cooperativamente na realização das atividades descobrindo estratégias viáveis para a solução dos problemas. Este projeto de pesquisa tem como público alvo uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, composta de 29 alunos, sendo 18 meninas e 11 meninos. A faixa etária está entre 14 e 15 anos, da Escola de 1º grau José Osete de Carvalho, localizada no município de Cardeal da Silva – Bahia. Essa instituição atende alunos da zona urbana e rural, com Ensino Fundamental anos Finais. Conta com 14 turmas, sendo duas turmas de Educação para Jovens e Adultos – EJA. A unidade escolar possui 388 alunos matriculados nesse ano de 2023. Em relação aos aspectos físicos, a escola é bem estruturada e encontra-se bem conservada, possui um laboratório de informática e uma biblioteca com um acervo pequeno, faltam títulos mais contemporâneos que poderiam atrair os estudantes e de certa forma está inativa, uma vez que a escola carece de funcionários e de programas de leitura. O desempenho da escola no IDEBem 2021 atingiu 3.8 quando

a meta era 4.2. Como podemos observar, a meta não foi alcançada. O que podemos apreender desse índice é que os alunos do EJOc apresentam deficiências na habilidade de ler e que o domínio dessa competência não está alicerçado ao final do ensino fundamental.

Figura 1: foto da fachada da Escola de 1º grau José Osete de Carvalho



Fonte: Acervo pessoal da autora

3.2 A COLETA DE DADOS

A partir dessas observações, promoveu-se uma atividade de sondagem direcionada à leitura e produção de texto, com o objetivo de averiguar a dificuldade dos estudantes, bem como suas preferências de leitura e qual a Interação nos Sites de Fanfic: Spirit e Wattpad. Iniciamos com uma conversa informal na qual procuramos mostrar, de modo bem simples, que tipo de trabalho de leitura seria feito por ele e pelo professor. Explicamos sucintamente a justificativa, os objetivos e as atividades que seriam realizadas. Fizemos também algumas perguntas de sondagem para verificarmos o quanto que eles conheciam sobre a literatura negra e sobre a escritora Conceição Evaristo. Após esse momento, os alunos responderam um breve questionário para detectarmos quais são suas preferências de leituras. Esse questionário contém perguntas como: você gosta de ler? Você lê por iniciativa própria? Você já leu algum livro? Qual? Que tipos de histórias você gosta de ler? Quais tipos de

suporte utiliza com mais frequência? Você considera que seu tempo dedicado à leitura é suficiente? Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura?

As atividades propostas para a pesquisa fazem parte de uma sequência didática cujo tema é “Fanfiqueros da escrevivência: produção de fanfics e Fanzine a partir de contos do livro “Olhos D’água” de Conceição Evaristo. Dentre outras perguntas, as que se destacam quanto as respostas dadas foram as destacadas na tabela abaixo.

Quadro 1 – Perguntas respondidas pelos alunos na atividade de sondagem

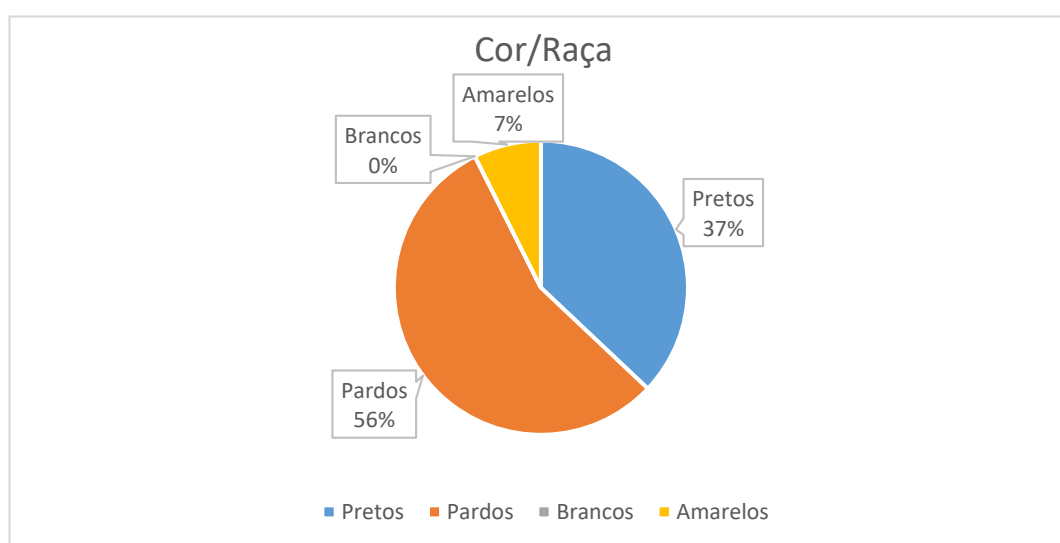
PERGUNTAS	RESPOSTAS	QUANTIDADE
●você gosta de ler?	➤ Sim	10 alunos
	➤ Não	17 alunos
●Você lê por iniciativa própria?	➤ Sim	19 alunos
	➤ Não	08 alunos
●Você já leu algum livro?	➤ Sim	23 alunos
	➤ Não	4 alunos
● Qual?	➤ Chaupezinho vermelho ➤ Confissões de um amigo imaginário ➤ O pequeno príncipe ➤ O menino negro ➤ O menino através do espelho ➤ Os incríveis II ➤ Os doze trabalhos de héracles ➤ O senhor dos anéis ➤ O diário de um banana ➤ Quando meu pai perdeu o emprego ➤ João e Maria ➤ Me chama pelo seu nome ➤ Tudo nela é de se amar	
● Que tipos de histórias você gosta de ler?	➤ Romance ➤ Ficção ➤ Terror	
Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura?	➤ Dificuldade financeira ➤ Tempo ➤ Dificuldade de acesso à biblioteca	

Fonte: A autora

Percebemos, a partir dessa investigação, que o gosto pela leitura não está relacionado apenas aos modelos teóricos que são preestabelecidos pela escola, pois muitos alunos lêem os títulos indicados pelo professor para cumprir uma atividade escolar, contudo, fora dessa esfera, muitos optam por leituras literárias de forma mais livre e por indicação de amigos, familiares e até mesmo por influência da mídia. O tipo de leitura preferido são os romances. Quanto à temática, os de ficção, terror e aventura foram os mais citados, sendo os suportes eletrônicos os meios mais utilizados. As fanfics também foram citadas por alguns alunos como predileção de leitura.

Foi aplicado também um pré-teste e um questionário sócio econômico. Os resultados do pré-teste podem ser visualizados a partir da leitura do gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Diagnóstico da atividade de pré-teste



Fonte: a autora

A partir da análise dos resultados supracitados, evidencia-se que o público-alvo desta pesquisa-ação é composta por alunos negros e pardos, tendo apenas dois alunos autodeclarado-se amarelo (acredito que tenham confundido amarelo com branco, ao declarar sua raça).

Diante desse contexto, reconhece-se a necessidade de traçar ações metodológicas mais incisivas, com o objetivo de promover reflexões sobre questões

raciais, aliadas à ludicidade do uso tecnológico, o que propiciará, assim, melhorias significativas na produção escrita. A análise de contos de Conceição Evaristo do livro *Olhos d'água* (2016), busca descortinar os preconceitos, racismo e sexismo ainda vigentes na sociedade brasileira, principalmente contra mulheres, e em especial, as negras.

Figura 2: foto da aplicação do pré-teste



Fonte: Acervo pessoal da autora

Na primeira etapa realizamos a revisão bibliográfica sobre temas inerentes à essa pesquisa, como os conceitos de raça, racismo, identidade, ancestralidade e preconceito. **A segunda etapa** do trabalho foi destinada à fruição e análise do livro escolhido, na qual o professor criou estratégias para tornar os alunos fãs da obra. Para isso, nos respaldamos em Barthes (1987), que considera a escritura como uma prova de que o texto deseja o leitor quando define a escritura como sendo "a ciência das fruições da linguagem". Para que o texto, enquanto objeto de abordagem do livro, possa ser compreendido de forma eficaz e no âmbito daquilo que

representa é necessário que seja feita uma leitura atenta e não corrida, pois, conforme aponta o autor, "não devorar, não engolir, mas pastar, aparar com minúcia, redescobrir, para ler esses autores de hoje, o lazer das antigas leituras", faz parte de um conceito de leitor aristocrático. (BARTHES, 1987). Após leitura feita por fruição dos contos **“Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”** propomos um estudo mais aprofundado sobre o gênero fanfic.

É importante destacar, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) quando aponta a fanfic (ou fanfiction) por meio da habilidade EF69LP46, classificando-a como uma forma de expressão da cultura juvenil, assemelhando-a ao podcast ou vlog. Essa habilidade da BNCC consiste em: Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, slams, canais de booktubers, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.).

Na terceira etapa da sequência de atividades propomos a produção das fanfics. Nesse momento os estudantes foram orientados pelo professor, e toda turma estava engajada nas produções. **A última etapa** foi dedicada a socialização dos textos produzidos pelos alunos. A culminância desse trabalho foi um momento muito importante, no qual os estudantes valorizaram tanto sua produção como a de seus colegas.

4 PRODUTO DIDÁTICO

A fim apresentar uma abordagem didática para a produção de *fanfics* e *Fanzine* em turmas do Ensino Fundamental anos finais, a partir de contos do livro “Olhos D’água” de Conceição Evaristo, esse trabalho propõe desenvolver pesquisa-ação, com o intuito de formar um sujeito leitor participativo, apresentando obras com as quais eles se identifiquem, promovendo conversas sobre preconceito racial, incentivando a leitura, a criticidade e a valorização da ancestralidade, aproximando os alunos de uma mulher negra que escreve literatura negra, a partir da sua vivência, além de trabalhar obras com as quais os alunos se identifiquem, sintam-se representados, para a partir daí, promover conversas sobre preconceito racial, com o intuito de dirimi-lo.

A seguir abordaremos como as novas possibilidades da escrita digital através de leitura e produção de fanfics, a partir da obra “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo oferecem elementos que possibilitem uma reflexão sobre a condição de subalternidade racial e de gênero em que a população negra está submetida, contribuem para ampliação do repertório literário dos estudantes, bem como para a formação de um sujeito leitor participativo, que compreenda a literatura como uma comunicação que age sobre o leitor e o mundo, mostrando aos discentes que a Literatura não é algo cansativo, que não existem somente os grandes autores canônicos que nos são apresentados diariamente

4.1 MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA DOS CONTOS: “OLHOS D’ÁGUA”, “MARIA” E “ZAÍTA ESQUECEU DE GUARDAR OS BRINQUEDOS”.

Nesse tópico daremos ênfase a algumas abordagens trazidas pela obra “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo, as quais são importantes para o trabalho com os contos “Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” presentes na obra. Para a efetivação da sequência de atividades tais aspectos são considerados relevantes como parte do estudo e da produção textual de estudantes do 9º ano do ensino fundamental. Vamos, então, aos pontos eleitos:

✓ **Aspectos referenciais sócio-histórico-político da obra e de sua recepção contemporânea**

Publicada em 2015 pela editora Palhas, a obra “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo, reúne narrativas que abordam conflitos sociais, históricos e contemporâneos, representando o grito dos escritores negros e de toda uma sociedade que não deve silenciar nunca. Todos os contos estão imbricados por um aspecto de violência, principalmente, sobre os negros e sobre as mulheres, o qual se multiplica em temáticas diversas como estupros, assassinatos, linchamentos, fome, jornada de trabalho dupla, assaltos, morte e demais mazelas da sociedade brasileira. Esperamos que a leitura dessas produções nos cause uma alegria e sentimento de pertencimento.

✓ **Abordagem objetiva da obra**

No conto de abertura, “**Olhos d’água**”, que dá nome ao livro,

acompanhamos memórias de uma filha que rememora sua história com a mãe, mas que não consegue lembrar qual era a cor dos olhos dela, o que causa muitas reflexões. A sensibilidade da água, assim como a sua fúria, é quase um rio permeando as histórias contadas por Conceição Evaristo.

O conto **“Maria”** vai se desdobrando entre a ficção e a realidade. Retrata a vida de uma doméstica, mãe de três filhos sem pai, após um dia de trabalho em pleno domingo, trazia para os filhos as sobras de um dia de festa na casa da patroa. De volta, no ônibus um homem falou com ela, era o pai do primeiro filho que estava ali com seus companheiros para cometer assalto. Ao descer do ônibus os passageiros acharam que a mulher era cúmplice dos assaltantes, bateram, pisaram, espancaram até a morte. A personagem do conto Maria reproduz na fala e nas ações das demais personagens os estereótipos brasileiros em relação à mulher negra no Brasil, transferindo para a literatura as mazelas sociais e humanas que fazem parte do cotidiano das mulheres negras em um país marcado por desigualdades absurdas e por uma história de escravidão e racismo sem fim.

O conto **“Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”**, traz um olhar sobre a violência e a desigualdade social, narrando a história de uma mãe solteira, com trinta e quatro anos e quatro filhos, vivendo numa favela sem condições mínimas de saneamento básico: dois mais velhos e duas meninas gêmeas, Zaita e Naita, que se diferenciam pela fala. O mais velho procura melhora de vida no exército com dignidade, enquanto o outro busca uma vida no crime. Zaita gostava muito de seus brinquedos e de suas 15 figurinhas-flor, que se perde e ela sai à procura, andando pelos barracos vizinhos, se distanciando de sua casa, entra no meio de um tiroteio entre policiais e bandidos liderados pelo seu irmão. É baleada e morre, sendo encontrada pela sua irmã Naita, que diz: “Zaita, você esqueceu de guardar os brinquedos!”. O conto mostra as crianças dentro de uma cena de desigualdade social, que impedem de viverem uma infância tranquila, diferente das outras crianças.

✓ Aspectos expressivos do sujeito/autor presentes na obra

Autora Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em uma favela de Belo Horizonte em 29 de novembro de 1946. É graduada em Letras pela UFRJ, mestre

em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, quando defendeu a dissertação: “Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade”. Ela se tornou doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, desde 2011, após a defesa e aprovação da tese que procurou “investigar a produção de autores africanos de língua portuguesa em diálogo com a literatura afro-brasileira”. A produção de Conceição Evaristo é caracterizada pelo que ela denomina de *escrevivência*, em outras palavras, a escrita das experiências de um corpo feminino negro na conjuntura do Brasil pós-colonial.

✓ Aspectos pragmáticos do texto literário

Apesar de a autora abordar cenas de violência tão cruéis em seus textos, não tira a motivação do leitor, pelo contrário, deixa-o cada vez mais ansioso para a continuação da leitura. Por isso é que os leitores, mesmo diante de cenas de profundo impacto sentimental, ficam surpresos pela maneira com que a escritora consegue tematizar a violência urbana com tamanha leveza em suas palavras. As temáticas do conto abordam aspectos que fazem parte do dia a dia de muitas pessoas, como o trabalho doméstico, os direitos trabalhistas, meninos criados na rua, ônibus assaltados no caminho da escola, entre outras. Todas elas constroem sentidos para o aluno e os encorajam a traduzir suas impressões em forma de texto escrito. Escrever sobre o que conhece torna-se um elemento fundamental para a prática da escrita, por vezes, os estudantes temem diante do papel em branco pelo fato de as temáticas não revelarem sentido para sua vida cotidiana. Na educação básica esse princípio é muito relevante para o processo de formação do leitor e do escritor.

Segundo a autora, a *escrevivência* veio à medida em que foi trabalhando com o termo, ele foi ganhando a profundidade de um conceito, que hoje extrapola a literatura e é pensado em outras áreas do conhecimento. Várias obras da literatura descrevem o corpo negro, mas na *escrevivência*, o eu poético fala do corpo negro fundamentado na subjetividade desse corpo negro, de uma forma positiva. “A nossa *escrevivência* não é para adormecer os da casa grande e sim para acordá-los dos seus sonos injustos”. (EVARISTO, 2018)

4.2 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA TRABALHAR COM FANFICS

Ferramenta para trabalhar a prática pedagógica de forma organizada, a sequência didática foi aplicada no mês de setembro de 2023. Foram cinco módulos, distribuídos em nove aulas, as quais estão detalhadas no Caderno Pedagógico. A proposta foi apresentada para a equipe gestora da escola, que a recebeu com bastante entusiasmo, apesar de admitir não conhecer o gênero Fanfic. Foi explicado pela professora pesquisadora tratar-se de um gênero textual emergente e digital, interventivo, direcionado e que abarca aspectos voltados à sua caracterização, ao suporte de circulação, à linguagem empregada, dentre outros. Além disso, essa abordagem busca conciliar o estudo desse gênero textual com o trabalho de letramento racial. A equipe gestora agradeceu à explanação, dando total apoio para a sua execução. Com indicativo de possível adaptação a outras séries, a sequência didática irá permitir que alcancemos os objetivos delineados. Dessa forma, nos baseamos no modelo idealizado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), que definem sequência didática como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral. O quadro a seguir descreve resumidamente o quantitativo de módulos, o suporte pedagógico, as ações desenvolvidas em sala de aula, de acordo com o cronograma de ações planejado para a realização das oficinas.

Quadro 2 – Demonstrativo dos módulos didáticos do produto pedagógico

S	MÓDULO	SUPORTE PEDAGÓGICO	PROCEDIMENTO	ANÁLISE DOS PROCEDIMENTOS
-	Módulo I Rodas de Leitura	Cópia dos contos: Olhos d'água, Maria e Zaita esqueceu de guardar os brinquedos.	Leitura dos contos de Conceição Evaristo feitos pela professora Escolha dos textos a partir da leitura Organização do espaço de leitura	Discussão oral Compartilhamento de impressões individuais Apresentação das impressões gerais
	Módulo II – Conceito de fanfic e de fanzine	Textos impressos e textos digitais	Apresentação do link para conceituar os gêneros textuais Impressão do material	Compartilhamento do link Comentários individuais Apresentação das impressões gerais da turma

Módulo III – Produção de fanfic	Computador e/ou celular com acesso à internet	Inscriver-se em uma plataforma digital e criar perfil Apresentar um roteiro para escrever fanfics Começar a escrita das fanfics	Ler e comentar a escrita dos colegas Apontar pontos de melhoria Socializar as produções
Módulo IV – Como produzir fanzine	Folhas de papel sulfite Canetas e lápis coloridos Revistas e imagens para recorte Tesoura e cola	Produzir uma revista (fanzine) para a comunidade de fãs Escolher o nome da revista Revisar os textos	Reunir os textos e montar a revista
Módulo V – Culminância da fanzine	Planejamento do evento de socialização dos trabalhos	Escolher grupos para apresentar as etapas do trabalho. Preparar o espaço para as apresentações	Fazer uma avaliação oral sobre as aprendizagens obtidas com o trabalho

Fonte: a autora

4.3 DESCRIÇÃO DOS MÓDULOS E ATIVIDADES

O primeiro módulo que compõe o Caderno pedagógico traz uma proposta de interação verbal dos estudantes, apresentando considerações centradas principalmente no estudo do gênero fanfiction, abrangendo aspectos voltados à sua caracterização enquanto gênero textual emergente e digital, bem como ao suporte de circulação e a linguagem empregada, onde eles podem verbalizar todo o conhecimento já existente quanto ao gênero. Sendo assim, as etapas descritas a seguir representam a participação dos estudantes em cada atividade proposta no projeto.

MÓDULO1: Rodas de leitura

DURAÇÃO: 100 minutos (2 hora/aula)

DATA: 18/09/2023

RECURSOS: cópias dos contos literários “Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta

esqueceu de guardar os brinquedos”.

A turma participante do Projeto é a turma do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, da qual já falamos no item 3.1 deste trabalho. Inicialmente, explicamos aos alunos que iríamos realizar uma sequência de atividades cujo objetivo era contribuir para a ampliação do repertório literário deles, com o intuito de torná-los sujeitos leitores mais participativos, habilidades tão necessárias para a vida de qualquer pessoa. Apesar de não ter dado muitos detalhes sobre todas as atividades que seriam realizadas, frisamos que a participação deles era importante para que pudéssemos obter bons resultados. A maioria da turma demonstrou estar disposta a participar com afinco das atividades. A professora apresentou o livro *Olhos d'água* e perguntou se alguém já conhecia a autora, Conceição Evaristo. Com resposta negativa por todos os alunos da turma, a professora fez uma breve explanação sobre vida e obra da autora, distribuiu cópia dos contos e começou a leitura oral, para que todos acompanhassem, dando entonação e pausas adequadas, no intuito de torná-la mais agradável e compreensiva. A princípio os alunos não gostaram dos contos, acharam as histórias muito tristes e o cenário violento. Expliquei que a escrita da autora aborda as vivências e a violência que atravessa os corpos femininos e os reflexos dessa violência na vida dessas mulheres e dos seus, e que eles teriam a oportunidade, através da criação das *fianfics*, de mudar essas histórias, traçando novos rumos para os personagens e acrescentando um final que lhes agradasse.

MÓDULO2: Conceito de Fanfic e fanzine

DURAÇÃO: 50 minutos (1 hora/aula)

DATA: 19/09/2023

RECURSOS: textos impressos e textos digitais
acessados pelo link <https://pt.wikihow.com/Escriver-uma-Fanfic>

Nestas aulas, contamos com a presença de 24 alunos, os quais realizaram as atividades deste módulo. A ênfase se deu na apresentação de informações gerais sobre as características do gênero *fanfiction*, no que tange à sua composição estrutural, aos conteúdos temáticos, quanto ao estilo e à linguagem empregada. Com o objetivo de realizar um levantamento do conhecimento dos alunos sobre o

gênero fanfic, levamos a turma para a sala de informática, onde sentaram em duplas para acessar o site indicado, e ter acesso ao conceito do gênero, bem como das plataformas de produção e circulação das mesmas, além de abordar também outros aspectos julgados pertinentes.

MÓDULO 3: Produção de fanfic

DURAÇÃO: 100 minutos (2 hora/aula)

DATA: 20/09/2023

RECURSOS: computador com acesso à internet

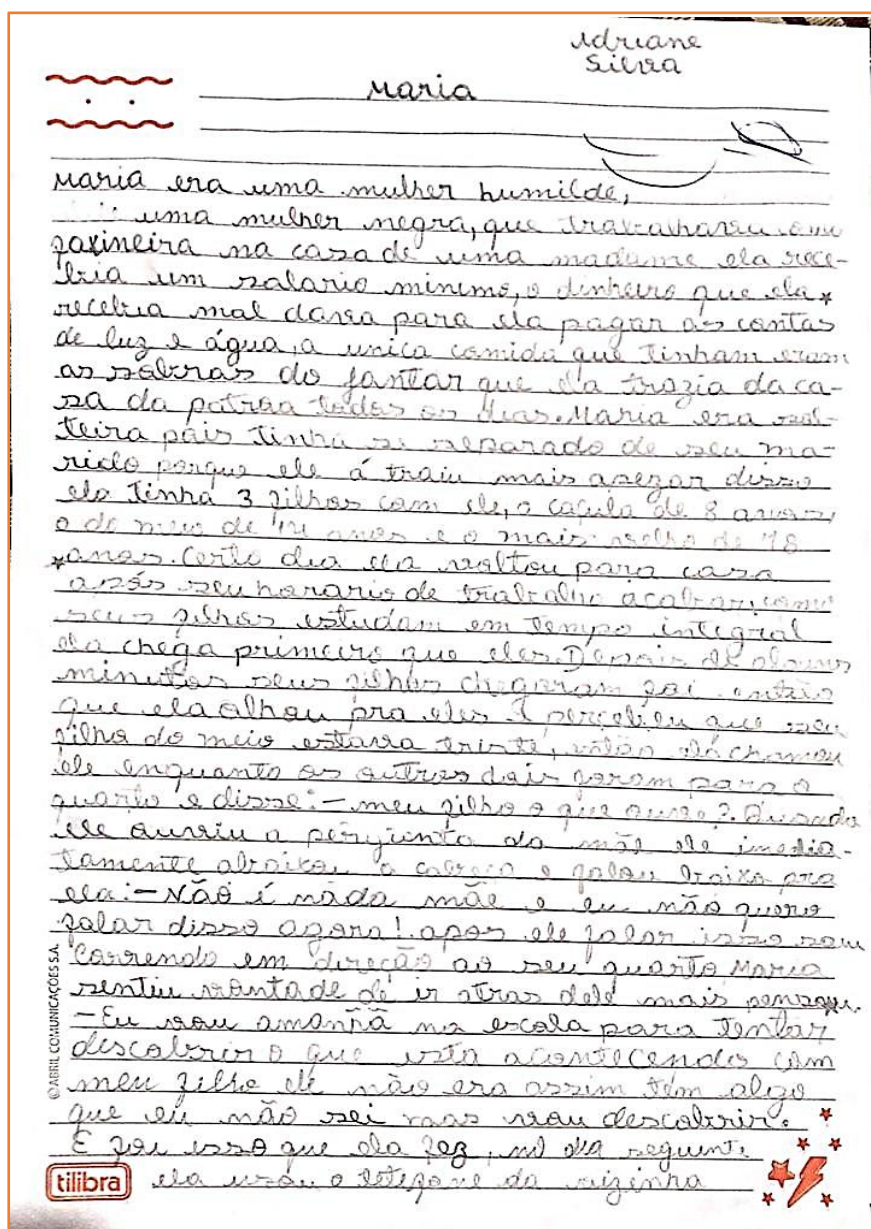
Com o objetivo de promover um envolvimento com prazer para criar perfil, inscrever-se em uma plataforma digital e produzir uma fanfic, os alunos foram levados à sala de informática. Foi solicitado que criassem um perfil nas plataformas digitais específicas para fanfic. Constatamos que o gênero era amplamente conhecido por eles, e que muitos alunos já tinham perfil em alguma das plataformas, sendo a *Wattpad* a preferida por eles.

Logo após orientação com roteiro, começaram a escrita das fanfics. Como o tempo não foi suficiente, foram orientados a continuar a escrita em suas casas, e sugerido que eles interagissem uns com os outros, tecendo comentários nas produções dos colegas, a fim de avaliar e fazer prognósticos sobre os eventos ocorridos e de incentivar os autores a continuar com a produção, bem como estimular o debate. Foram utilizados poucos recursos gráficos, uma vez que a própria plataforma é limitadora nesse aspecto. Em relação à apresentação das fanfics nos sites, foram orientados a pensar nas possibilidades de continuação dos textos de forma que pudessem relacionar o conteúdo dos textos à sua vivência, através de inferências e também produzindo finais diferentes. Foi entregue um quadro com orientações das etapas para escrever as fanfics, e um modelo de fanfic do conto *Maria*, intitulado *Para Maria, minha mãe*, da autoria de Murilo Santos Júnior retirado do livro *“Sobre Nossas Avós - memória, resistência e ancestralidade”* (2021), para que servisse de modelo para os alunos se basearem nas suas produções.

Foram produzidas vinte e sete (27) fanfictions, com os contos apresentados, de acordo com a escolha de cada um. Sobre o processo de reescrita das fanfictions produzidas, a professora fez a devolutiva da escrita inicial com orientações sobre o

processo de reescrita textual, solicitando que os alunos se atentassem para os aspectos funcionais, estruturais e linguísticos, o interlocutor, os objetivos a serem alcançados, a seleção lexical, o nível de formalidade, dentre outros aspectos inerentes ao ato de escrever. O atendimento foi tanto presencial quanto por mensagens de texto do Watsap.

Figura 3 – foto do texto da escrita inicial da aluna 1.



Fonte: acervo da pesquisadora

Após orientação e reescrita das fanfictions produzidas, considerando os

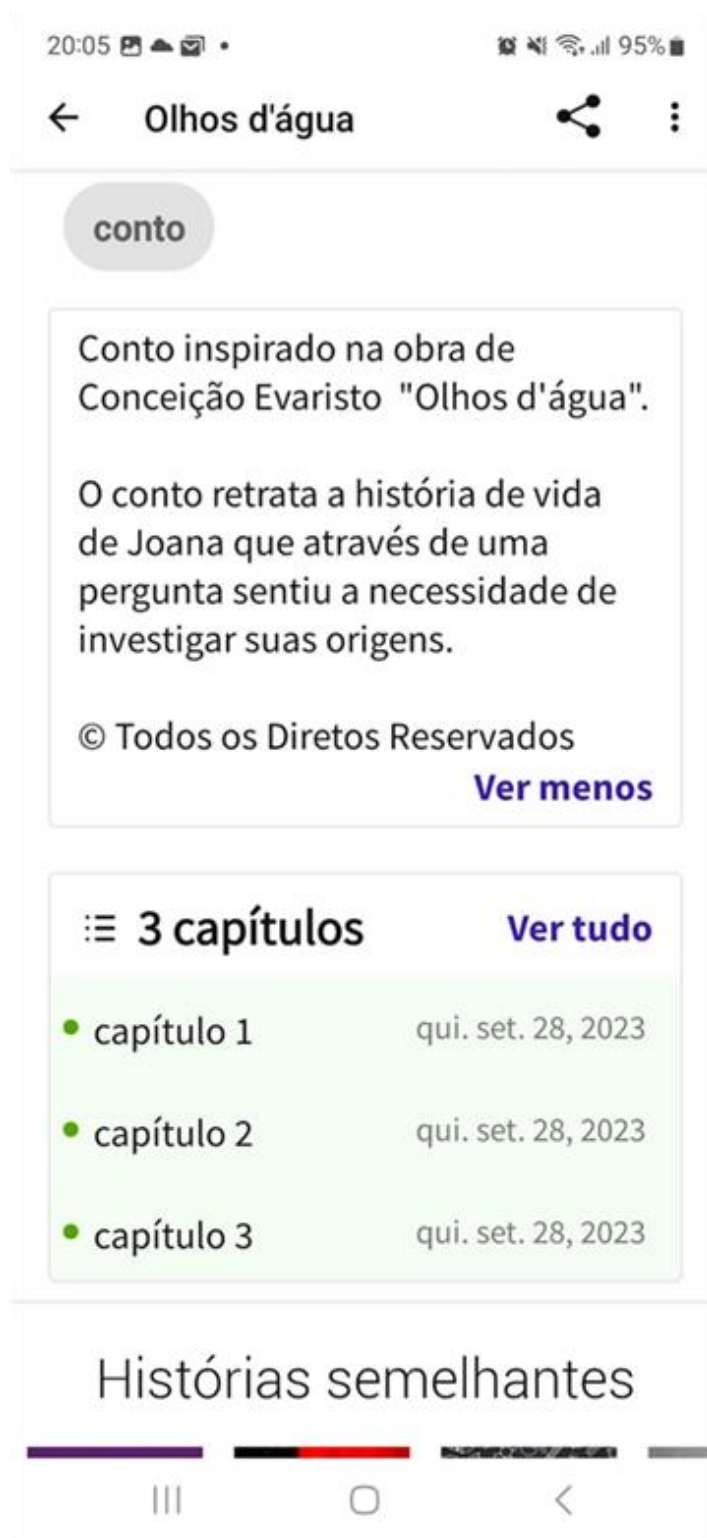
apontamentos feitos pelo professor, essa reescrita foi materializada no ciberespaço, ou seja, em rede, numa plataforma digital (wattpad foi a plataforma escolhida por eles), de forma a favorecer o letramento digital e os multiletramentos, como podemos observar nas imagens a seguir:

Figura 4 – foto da pagina inicial da fanfic publicada pela aluna 2



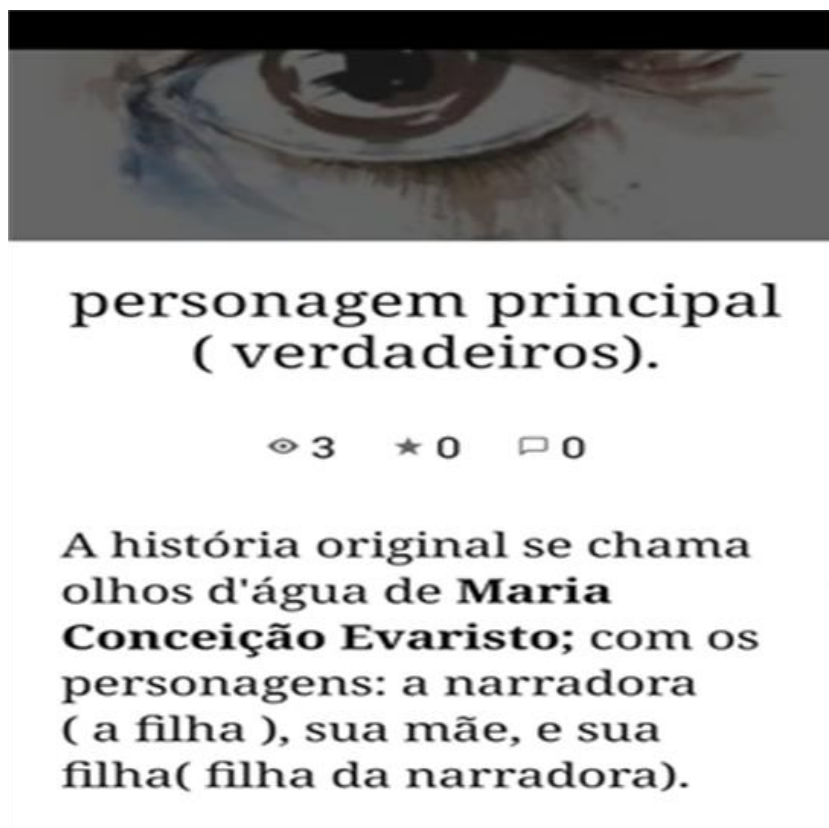
Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 5 – foto da segunda pagina da fanfic publicada pela aluna 2



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 6 – pagina inicial da fanfic publicada pela aluna 3



Fonte: acervo da pesquisadora

MÓDULO 4: como produzir uma fanzine

DURAÇÃO: 100 minutos (2 horas/aula)

DATA: 22/09/2023

RECURSOS: papel, caneta e lápis coloridos, revistas e imagens para recorte, tesoura e cola

O foco aqui foi levar os alunos a produzirem uma revista, de caráter amador, para a comunidade de fãs da obra. Para isso, iniciamos a aula com uma roda de conversa com a turma, explicando o que iríamos trabalhar na aula e qual o objetivo. Antes de iniciar efetivamente a proposta do dia, revisitamos as atividades anteriores e oferecemos ajuda àqueles que não conseguiram concluir a tarefa. Foi criado um grupo de watsap para que pudéssemos dar esse suporte. Depois criamos grupos

explicar as etapas de trabalho. Fizeram a apresentação da autora Conceição Evaristo, através de slides na tv. Leram passagens do conto “olhos d’água” e uma fanfic do mesmo conto. Apresentaram alguns livros da autora, bem como a fanzine feita por eles. Através de depoimento, alguns alunos relataram como se tornaram fãs da autora, o que despertou em alguns pais o desejo de ler uma obra da mesma.

Figura 8 – foto do aluno na apresentação da culminância do projeto



Fonte: acervo pessoal da autora

Figura 9 – foto das alunas apresentando as fanzines na culminância do projeto



Fonte: acervo pessoal da autora

5 PALAVRAS FINAIS

Desenvolver nos alunos do Ensino Fundamental Anos Finais o hábito da leitura, não é uma tarefa fácil. Durante o caminho percorrido na aplicação desta pesquisa, pudemos perceber claramente essa dificuldade, porém, percebemos também que é possível utilizar diferentes gêneros textuais, atrelados ao caráter interativo e colaborativo das mídias culturais para tornar essa tarefa menos árdua. Faz-se necessário investir na criatividade para desenvolver uma prática de leitura atrativa e inovadora, que considere a necessidade dos alunos, despertando-os para o interesse por histórias fictícias ou reais.

As narrativas ajudaram os alunos a expressarem o mundo por eles mesmos, através da utilização das plataformas virtuais de fanfic, o que fez com que eles se interessassem mais em escrever, refletir as experiências vividas pelos personagens dos contos lidos de forma mais elaborada, sem renunciar à sua própria identidade, tendo em vista que a nossa proposta era justamente essa: encontrar caminhos para que o aluno leia, crie memórias a partir das histórias lidas, crie encanto por essas histórias ou, mesmo que não haja a magia desse encanto, o aluno possa definir suas próprias leituras. Dessa forma, defendemos que para formar leitores é preciso reservar momentos para uma leitura prazerosa, onde se troca impressões e informações sobre o que se lê, fazendo os leitores refletirem sobre si e sobre o mundo, apresentando textos que despertem a atenção e fomentem a discussão de temas contemporâneos e transversais (como sugerem os pcns: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde e Orientação Sexual) não deixando, assim, de fomentar reflexões sobre valores e preconceitos de classe, credo, gênero e etnia.

Apesar de apresentarem resistência no início, podemos afirmar que os estudantes se envolveram muito com o projeto, vencendo as dificuldades em escrever e o estranhamento que sentiram com a forma realista da escritora escolhida, onde apresenta situações que são da ficção, mas que tem inspiração na condição humana, debatendo os temas de forma bastante produtiva e interagindo com cada aula dada. Cabe a nós, professores, acreditar no grande potencial dos nossos alunos, acatar as sugestões de temas dadas por eles, e assim, tornar as aulas mais produtivas e prazerosas, sem medo do novo, reinventando nossas práticas para acompanhar o ritmo da tecnologia, fazendo um bom uso dos recursos e equipamentos audiovisuais,

com foco no que é essencial. A escola ainda não contribui de forma eficaz para a formação de leitores proficientes, portanto, apontamos a necessidade de se investir na formação continuada dos professores e na criação de projetos de leitura, inclusive de textos literários de autoria das mulheres negras e periféricas, cujas obras possam resgatar a ancestralidade e recuperar a autoestima dos alunos negros, para que eles questionem a condição de subalternidade racial e de gênero em que ainda estamos submetidos, ajudando-os no enfrentamento dos preconceitos nos âmbitos social, cultural e político, incentivando a escrita autoral de textos dos nossos alunos e alunas, levando em consideração as suas experiências e letramentos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Lucas. **Como fazer um fanzine**. 2015. Disponível em: . Acesso em: 07 de dez. de 2022.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1998. 174 p.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revistado Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999 Tradução. Acesso em: 06dez. 2022.

CLEMENTE, Bianca Jussara Borges. **O uso do fanfiction nas aulas de produção textual no ensino médio**. 2013. Dissertação (Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada). Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2013.

COMPAGON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. UFMG, 1999.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. 116 p.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e Sentidos**, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988
_____. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

PAULINO, Graça. **Das Leituras ao Letramento Literário**. Belo Horizonte: FaE/UFMG. Pelotas: EDGUFPEl, 2010. Resenha de: ROSA, Cristina Maria. **Revista Práticas de Linguagem**. Juiz de Fora, v.1, n. 2, p.114-116, jul./dez. 2011. [Acessar publicação original](#) [DR]

SPIRIT, Fanfic. **Plataforma digital**. Disponível em:

<https://www.bing.com/search?q=Spirit+Fanfics&cvid=723408a1f5644b36b6d96f3707aa2c28&aqs=edge.69i57j0l8.2899j0j1&pglt=43&FORM=ANNTA1&PC=U531&ntref=1>> Acesso em: 07 de dez. de 2021 KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

ROIPHE, Alberto (org.). **Literatura em jogo**: proposições lúdicas para as aulas de português. Aracaju: Criação, 2017.

ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. **Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino**: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

Ribeiro, Maria Aparecida da Silva (org.). **Sobre nossas avós: Memória, resistência e ancestralidade**. 1. Ed. - Aracaju: Pontes, 2021

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. ROJO, Roxane (org.). Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction [recurso eletrônico]**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. **Letramento digital**: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). Tecnologias para aprender. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016

Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia
Acessado em:
<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59#:~:text=No%20latim%20medieval%2C%20o%20conceito,algumas%20caracter%C3%ADsticas%20f%C3%ADsticas%20em%20comum.>

ANEXO – Caderno Pedagógico

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES
ACADÊMICAS**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROFISSIONAL EM REDE (PROFLETRAS)**

Jucinalva dos Santos Marques

**Experiências de escrita Literária em sala
de aula: Criando fanfics a partir dos
contos de Conceição Evaristo**

São Cristóvão – SE/2024



CADERNO PEDAGÓGICO

APRESENTAÇÃO



Cara (o) leitora (o),

Este caderno pedagógico apresenta como proposta promover uma prática de mediação literária seguida de uma escrita criativa, para desenvolver habilidades de leitura e escrita autoral através do gênero fanfic, fomentando a leitura, a releitura e a produção textual. A produção deste material cumpre um dos objetivos específicos da dissertação de mestrado intitulada “EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA LITERÁRIA EM SALA DE AULA: CRIANDO FANFICS A PARTIR DOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO” — realizada por Jucinalva dos Santos Marques, sob orientação da prof. Dra. Maria Aparecida da Silva Ribeiro. A pesquisa insere-se no Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras da Universidade Federal de Sergipe — campus São Cristóvão, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com coordenação Nacional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trata-se de um produto educacional organizado em cinco módulos que, entre outras coisas, busca evidenciar a importância da literatura feminina negra como estratégia para que a escola rompa o silêncio sobre as questões étnicas, de classe e de gênero. Assim, o material pretende contribuir com educadoras e educadores de Língua Portuguesa (e/ou outros agentes culturais) ao sugerir a vertente feminina da literatura negra (ou afro-brasileira) como uma alternativa pedagógica para a aplicação da Lei 10.639/03. Ademais, espera-se contribuir para que os estudantes tenham o direito de ler a literatura feminina negra na escola para, a partir da leitura, possibilitar-lhes uma reflexão crítica sobre as relações étnicas, sobre as relações de classe e sobre as relações de gênero no Brasil, com destaque para a valorização da identidade e o resgate da autoestima da mulher negra na sociedade brasileira. Portanto, a você, leitora e leitor, especialmente aos docentes que acreditam ser possível construir uma educação pública de qualidade, espera-se que este material lhes seja útil.

BOA LEITURA

Caderno de Práticas de Leitura

INTRODUÇÃO



A apresentação de algumas considerações teóricas sobre a Leitura Literária e o comportamento leitor, sobre a LEI 10.639/2003 que prega o ensino da literatura Afro Brasileira, conceitos de raça e etnia, os gêneros textuais em sala de aula, especialmente sobre o gênero *fanfiction* é importante para se compreender a confecção das atividades presentes neste Caderno Pedagógico, a serem aplicadas em sala de aula. O objetivo deste material é apresentar uma abordagem didática para a produção de *fanfics* e *Fanzine* em turmas do Ensino Fundamental anos finais, a partir de contos do livro “Olhos D’água” de Conceição Evaristo, com o intuito de formar um sujeito leitor participativo, apresentando obras com as quais eles se identifiquem, promovendo conversas sobre preconceito racial, incentivando a leitura, a criticidade e a valorização da ancestralidade, aproximando os alunos de uma mulher negra que escreve literatura negra a partir da sua vivência e apresentando uma autora da atualidade.

Assim, este Caderno encontra-se estruturado em cinco etapas pontuais: Apresentação da situação, Módulo I (Rodas de Leitura), Módulo II (Conceito de *fanfic* e de *fanzine*), Módulo III (Produção de *fanfic*), Módulo IV (Como Produzir *fanzine*) e Módulo V (Culminância da *fanzine*). Para a elaboração das atividades que compõem esta ferramenta educacional, utilizou-se, como referencial teórico, principalmente, os estudos de Dolz et al (2004), para os quais a sequência didática é uma ferramenta promissora no desenvolvimento da aprendizagem. Trouxemos também a visão sobre leitura, estratégias de leitura e inserção dos gêneros textuais nas aulas de português, de autores como Solé (1998), Marcuschi (2008) e Rojo (2004). Sobre o fenômeno *fanfiction*, a visão de Vargas (2015). Para abordar sobre o poder humanizador da literatura, Cândido (2011) e Compagnon (1999). Usamos como referência escritoras negras como Evaristo (2016), Kilomba (2020), que fala sobre a forma como o racismo se estrutura na sociedade, e sobre a importância de os alunos estarem conscientes disso, para construir ações práticas de emancipação.

É urgente a necessidade de o professor ressignificar o ensino de língua portuguesa, levando em consideração um trabalho com atividades que conduzam os educandos a compreender a função social da linguagem. Dessa forma, o trabalho com a escrita literária precisa ser mediado por um planejamento que privilegie a produção de textos que tenham significados para os alunos e que eles sejam motivados a participar das aulas. Portanto, desenvolvemos um trabalho em sala de aula utilizando um tema bastante relevante que é o das escrevivências, tendo como proposta de sequência de atividades o uso do gênero *fanfiction* ou *fanfic*.

É inegável que o racismo é estrutural e que os preconceitos são aprendidos. Logo, a responsabilidade em reverter a desumanização de longa duração produzida pelo racismo é de todos nós, pois a forma social escravista ainda perdura nos dias atuais e a população negra e indígena são desumanizadas, lhes foram negadas sua condição humana e sua dignidade, e podemos usar a literatura para dirimir tais preconceitos, apresentando-a a partir do pensamento negro, com personagens negras, a partir de uma experiência negra, textos que englobam em sua centralidade aspectos das culturas afro-brasileiras e africanas, que conferem o necessário protagonismo do negro e propicia, através da mediação, desvelar/discutir com as crianças o racismo estruturante da cultura brasileira.

Segundo a autora Kiusam de Oliveira (2022) faz-se necessário priorizar questões de raça e gênero, quando se pensa em histórias escritas e narradas para empoderar crianças negras. Ela nos apresenta uma possibilidade decolonial para contar histórias, usando conceitos chave como ancestralidade, tendo como base teórica a Pedagogia Ecoancestral e a Literatura Negro Brasileira do encantamento Infantil e Juvenil – LINEBEIJU, onde defende ser necessário pesquisar, criar e utilizar tecnologias agenciadas pelo olhar crítico e negro sobre o país, para, com essa criticidade, criar e contar histórias negro-brasileiras aprofundando e africanizando-as, despindo-se de todo o preconceito que ouviu até então, e numa perspectiva decolonial, contar histórias que despertem o encantamento da criança negra pelo próprio corpo. A autora aponta ainda alguns pontos necessários para contar histórias, em uma perspectiva decolonial e negrorreferenciada, sendo uma delas, entender que o continente africano é berço da Humanidade, possibilitando assim, que construam histórias épicas.

É de suma importância apresentar heróis e heroínas negros, recontando suas histórias, empoderando, assim as histórias de quem as ouve, fortalecendo as identidades pessoais e coletivas, pois as histórias negrorreferenciadas tem esse poder de encantar as crianças negras, fortalecendo-os contra as práticas discriminatórias. A autora traz a Pedagogia Ecoancestral para pensar “as relações educacionais e educativas a partir de

uma corporeidade negra, um contracorpo negrorreferenciado, capaz de entender que resistir às violências também é um ato sagrado” (OLIVEIRA, 2020, p.5)

Diante do exposto, ressaltamos que o trabalho em sala de aula com os gêneros não deve ser circunscrito apenas aos aspectos formais e sim, de maneira funcional, para que os alunos produzam textos em gêneros diversos, adequando seu uso à situação social, pois é mais importante ensiná-los a ler e escrever os diversos gêneros do que classificá-los; Propomos práticas de leituras literárias bem como a escrita do gênero *fanfiction* ou *fanfic*, que, embora não tenha surgido em ambiente virtual, sua popularidade ocorreu através dele, como elementos importantes para desenvolver a humanização nos educandos. Nesses textos os alunos podem expressar em sua escrita impressões de conhecimento de mundo, exercitar a reflexão e a capacidade de lidar com os problemas da vida.

A escrita literária precisa ser mediado por um planejamento que privilegie a produção de textos que tenham significados para os alunos, e que eles sejam motivados a participar das aulas, mostrando autores e autoras que tragam diversas vozes, sensibilizando por meio da linguagem, humanizando com a expressividade poética, através de uma poesia periférica, capaz de torná-los críticos e reflexivos. A escolha do gênero conto narrativo, especificamente de Conceição Evaristo, justifica-se por serem histórias narradas por mulheres, às quais há combinação entre a ficção e a vida real, Além do mais, todas as narrativas partem da dor. Por que não podemos contar nossas histórias a partir da alegria? Então, ao recontar essas narrativas, os alunos terão a oportunidade de o fazer através da alegria, dando um outro final às personagens, e também uma esperança de mudar seu futuro.

O *fanfiction* ou *fanfic* é um gênero que desperta o interesse, estimula a imaginação e a criatividade de seus criadores, bem como trabalha a produção escrita. Os fãs e autores mudam seu papel de meros consumidores e receptores para autores de sua própria história, pois na construção das *fanfics*, recriam, ampliam, mudam o foco, fazem paródia das histórias de acordo com seus gostos e interesses, e compartilham seus textos com pessoas que apresentam certo nível de proximidade e identificação com as histórias originais. Dito isto, a *fanfic* é um gênero relevante para as práticas de leitura e de escrita. As *fanfictions* circulam principalmente na internet, em sites e fóruns dedicados a essa forma de escrita. Existem diversas plataformas específicas para *fanfictions*, como o *FanFiction.net*, *Archive of Our Own* (AO3), *Wattpad*, entre outros.

Muitos desses sites possuem categorias para diferentes gêneros, fandoms e níveis de conteúdo, além de ferramentas para classificar e avaliar as histórias.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

É importante que o professor apresente aos alunos o projeto didático-pedagógico ao qual eles irão participar, esmiuçando considerações sobre a situação de leitura dos gêneros conto, e fanfiction e sobre a produção de texto a realizar-se de modo convencional (manuscrita) e digital (ciberespaço). Portanto, nesta abordagem inicial, faz-se necessário tecer comentários objetivos e sucintos sobre todas as etapas que compõem



Na primeira etapa iremos realizar a revisão bibliográfica sobre temas inerentes a essa pesquisa, como os conceitos de raça, racismo, identidade, ancestralidade e preconceito. Será aplicado um pré-teste e um questionário sócio econômico.

A segunda etapa do trabalho será destinada à fruição e análise do livro

escolhido, na qual o professor criará estratégias para tornar os alunos fãs da obra. Para isso, nos respaldamos em Barthes (1987), que considera a escritura como uma prova de que o texto deseja o leitor quando define a escritura como sendo "a ciência das fruições da linguagem". Para que o texto, enquanto objeto de abordagem do livro, possa ser compreendido de forma eficaz e no âmbito daquilo que representa é necessário que seja feita uma leitura atenta e não corrida, pois, conforme aponta o autor, "não devorar, não engolir, mas pastar, aparar com minúcia, redescobrir, para ler esses autores de hoje, o lazer das antigas leituras", faz parte de um conceito de leitor aristocrático. (BARTHES, 1987). Após leitura feita por fruição dos contos **“Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”** propõe-se um estudo mais aprofundado sobre o gênero fanfic. **Na terceira etapa** da sequência de atividades propõe-se a produção das fanfics. Nesse momento os estudantes deverão ser orientados pelo professor, e toda turma deverá estar engajada nas produções. **A última etapa** será dedicada a socialização dos textos produzidos pelos alunos. A culminância desse trabalho é muito importante, pois tende a ser um momento no qual os estudantes valorizam tanto sua produção como a de seus colegas.

A sequência básica de letramento literário foi planejada para turmas de 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais. Contudo, não se trata de um planejamento inflexível e estanque, podendo ser adaptado para outras turmas conforme as necessidades do docente. A opção de trabalhar com os gêneros “conto narrativo”, especificamente de Conceição Evaristo, justifica-se por serem histórias narradas por mulheres, às quais há combinação entre a ficção e a vida real, além de ter como autoria dos contos uma escritora mulher, negra e de origem humilde, e a escolha da “fanfic” deve-se ao fato do gênero atender a um novo perfil de estudante que, imerso em um universo de múltiplas linguagens, sente-se motivado a participar do seio da cultura digital, facilitando a leitura coletiva e compartilhada na sala de aula.

Entretanto, essa seleção também é flexível, podendo o docente selecionar outros textos da vasta produção literária da autora Conceição Evaristo ou de outras escritoras negras..



VOCE SABIA?

Por meio de lutas do movimento político de mobilização racial

negra – Movimento Negro (MN), no Brasil e outros grupos sociais, foi instituída a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira, em todas as escolas públicas e particulares, de Ensino Fundamental e Médio em todo o país, preconizando a Literatura como uma das três principais áreas onde esse trabalho deva ser feito.

Organização das atividades no caderno pedagógico

O quadro a seguir configura um modelo que norteia o trabalho do professor em sala de aula, porém, pode ser adaptado a outra realidade educacional. Assim, sintetiza as ações pedagógicas distribuídas neste Caderno, a partir de um resumo da atividade a ser ministrada, do material didático necessário e a duração de cada oficina.



ATENÇÃO!

É possível observar no Módulo I intitulado: Rodas de Leitura, temos, no momento antes da leitura uma primeira atividade motivadora/introdutória na qual apresentaremos o livro de onde os contos foram retirados e solicitaremos aos alunos que falem sobre o que já conhecem sobre a autora e seus personagens. No momento seguinte, será desenvolvida a leitura do texto com paradas estratégicas para o levantamento e verificação de hipóteses e recuperação de aspectos da narrativa importantes para garantir o acompanhamento do texto pelos alunos.



1º MOMENTO

Título da aula: Rodas de Leitura
Objetivo: Contribuir para ampliação do repertório literário dos estudantes, bem como para a formação de um sujeito leitor participativo.
Duração: 3 aulas
Prática de linguagem priorizada: Leitura/escuta
Habilidade(s) da BNCC: EF69LP46 / EF69LP53
Materiais necessários: cópias dos contos literários “Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”



2º MOMENTO

Título da aula: Conceito de fanfic e de fanzine
Objetivo: Compreender os gêneros textuais fanfic e fanzine para apropriação de suas características e propósito comunicativo.
Duração: 1 aula
Prática de linguagem priorizada: Leitura/escuta
Habilidade(s) da BNCC: EF69LP46 / EF69LP53
Materiais necessários: textos impressos e textos digitais acessados pelo link https://pt.wikihow.com/Escriver-uma-Fanfic



3º MOMENTO

Título da aula: Produção de fanfic
Objetivo: Envolver-se com prazer para criar perfil, inscrever-se em uma plataforma digital e produzir uma fanfic.
Duração: 2 aulas
Prática de linguagem priorizada: Consideração das condições de Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição
Habilidade(s) da BNCC: EF69LP37 / EF69LP51
Materiais necessários: computador ou celular com acesso à internet.



4º MOMENTO

Título da aula: Como produzir fanzine
Objetivo: Produzir uma revista para a comunidade dos fãs da obra. (fanzine)
Duração: 2 aulas
Prática de linguagem priorizada: Elementos notacionais da escrita/morfossintaxe
Habilidade(s) da BNCC: EF09LP10 e EF09LP10
Materiais necessários: caderno e caneta.



5º MOMENTO

Título da aula: Culminância da fanzine

Objetivo: Compartilhar com as outras turmas da escola o trabalho realizado.

Duração: 2 aulas

Prática de linguagem priorizada: Leitura/ escuta

Habilidade(s) da BNCC: EF69LP46 / EF69LP53

Materiais necessários: notebook, tv, a fanzine

**VAMOS CONVERSAR!**

PROFESSOR, faz-se necessário comentar sobre as etapas a serem exploradas, as datas das aulas e os módulos que compõem o Caderno Pedagógico, delimitando o papel desse instrumento de intervenção conforme a sua realidade escolar.

**AULA 01- antes de ler - MOTIVAÇÃO**

DINÂMICA:

Organize o espaço de leitura;
Apresente o livro Olhos D'água da autora Conceição Evaristo;
Leia uma pequena biografia da autora.



Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (2011).

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores. A escritora participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus contos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior.



Aulas 02 e 03 - LEITURA

Esta é a aula da leitura FEITA PELO PROFESSOR, com o objetivo de tornar os alunos fãs da obra de Conceição Evaristo. Portanto, durante a leitura haverá algumas paradas estratégicas. Faça a leitura, dando uma entonação e pausas adequadas. Faça perguntas sobre os títulos, para incentivar os alunos a fazer previsões sobre o texto, levantar e verificar as hipóteses, que podem ou não serem confirmadas durante a leitura.

Professor:

Mobilize conhecimentos sobre a leitura por meio da oralidade. Acrescente, também, a crítica social que é abordada no texto, podendo incluir a leitura de um trecho.

Nas pausas entre um texto e outro, introduza as perguntas de modo natural como se você estivesse imaginando as situações.

Seja o condutor dessa conversa lembrando sempre que não há respostas certas nem erradas. Dê espaço para que cada aluno possa se expressar em voz alta.



ATIVIDADE

1. Por que esse título?
2. O que ou quem os personagens lembram?
3. Há furos ou brechas na narrativa?
4. Algo que gostaria de acrescentar ou tirar?
5. É possível pensar em novos personagens, aumentar a participação de um secundário, mudar a história ou traçar novos destinos para os personagens?

PROFESSOR:

Faça uma leitura de forma pausada dos contos “Olhos d’água”, “Maria” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”

Olhos d'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupas alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequenobanquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de umamaneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cimada cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, porque eu não conseguia lembrara cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriamos os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar nela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se

fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?(In: *Olhos d'água*, p. 15-19)

Maria

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão? A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faça a laser corta até a vida! Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entre as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem sentou-se a seu lado. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros encontros. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem. Maria viu, sem olhar, que era o pai de seu filho. Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de uma outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem, entretanto, virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava

dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos. O mais velho, com onze anos, era filho daquele homem que estava ali na frente com uma arma na mão. O de lá de trás vinha recolhendo tudo. O motorista seguia a viagem. Havia o silêncio de todos no ônibus. Apenas a voz do outro se ouvia pedindo aos passageiros que entregassem tudo rapidamente. O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos? Era a primeira vez que ela via um assalto no ônibus. Imaginava o terror das pessoas. O comparsa de seu ex-homem passou por ela e não pediu nada. Se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjetade mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança. Aliás, nas mãos tinha sim! Tinha um profundo corte feito com faca a laser que parecia cortar até a vida. Os assaltantes desceram rápido. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz vinda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembravam vagamente o seu filho. A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: — Calma pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho.

Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos

Zaíta espalhou as figurinhas no chão. Olhou demoradamente para cada

uma delas. Faltava uma, a mais bonita, a que retratava uma garotinha carregando uma braçada de flores. Um doce perfume parecia exalar da figurinha ajudando a compor ominúsculo quadro. A irmã de Zaíta há muito tempo desejava o desenho e vivia propondo uma troca. Zaíta não aceitava. A outra, com certeza, pensou Zaíta, havia apanhado a figurinha-flor. E agora, como fazer? Não poderia falar com a mãe. Sabia no que daria a reclamação. A mãe ficaria com raiva e bateria nas duas. Depois rasgaria todas as outras figurinhas, acabando de vez com a coleção. A menina recolheu tudo meio sem graça. Levantou-se e foi lá no outro cômodo da casa voltando com uma caixa de papelão. Passou pela mãe, que chegava com algumas sacolas do supermercado. A mãe de Zaíta estava cansada. Tinha trinta e quatro anos e quatro filhos. Os mais velhos já estavam homens. O primeiro estava no Exército. Queria seguir carreira. O segundo também. As meninas vieram muito tempo depois, quando Benícia pensava que nem engravidaria mais. Entretanto, lá estavam as duas. Gêmeas. Eram iguais, iguaízinhas. A diferença estava na maneira de falar. Zaíta falava baixo e lento. Naíta, alto e rápido. Zaíta tinha nos modos um quê de doçura, demistérios e de sofrimento. Zaíta virou a caixa, e os brinquedos se esparramaram, fazendo barulho. Bonecas incompletas, chapinhas de garrafas, latinhas vazias, caixas e palitos de fósforos usados. Mexeu em tudo, sem se deter em brinquedo algum. Buscava insistentemente a figurinha, embora soubesse que não a encontraria ali. Nodia anterior, havia recusado fazer a troca mais uma vez. A irmã oferecia pela figurinha aquela boneca negra, a que só faltava um braço e que era tão bonita. Dava ainda os dois pedaços de lápis cera, um vermelho e um amarelo, que a professora lhe dera. Ela não quis. Brigaram. Zaíta chorou. À noite dormiu com a figurinha-flor embaixo do travesseiro. De manhã foram para escola. Como o quadrinho da menina-flor tinha sumido? Zaíta olhou os brinquedos largados no chão e se lembrou da recomendação da mãe. Ela ficava brava quando isto acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos, principalmente do segundo. Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa. Assim que a mãe chegou, Zaíta perguntou-lhe porque o irmão estava tão aflito e se a arma era de verdade. A mãe chamou a outra menina e perguntou-lhe se ela tinha visto alguma coisa. Não, Naíta não tinha visto nada. Benícia recomendou então o silêncio. Que não perguntassem nada ao irmão. Zaíta percebeu que a voz da mãe tremia um pouco. De noite julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto. Logo depois escutou os passos apressados do irmão que entrava. Ela se achegou mais para junto da mãe. A irmã dormia. A mãe se mexeu na cama várias vezes; em um dado momento sentou assustada, depois se deitou novamente cobrindo-se toda. O calor dos corpos da mãe e da irmã lhe davam certo conforto. Entretanto, não conseguiu dormir mais, tinha medo, muito medo, e a mãe lhe pareceu ter passado a noite toda acordada. Zaíta levantou e saiu, deixando os brinquedos espalhados, ignorando as recomendações da mãe. Alguns ficaram descuidadosamente expostos pelo caminho. A linda boneca negra, com seu único braço aberto, parecia sorrir desamparadamente feliz. A menina estava pouco se importando com os tapas que pudesse receber. Queria apenas encontrar a figurinha-flor que tinha sumido. Procurou pela irmã nos fundos da casa e, desapontada, só encontrou o vazio. A mãe ainda arrumava os poucos mantimentos no velho armário de madeira. Zaíta teve medo de olhar para ela. Saiu sem a mãe perceber e bateu no barraco de Dona Fiinha, ao lado. A irmã não estava ali também. Onde estava Naíta? Onde

ela havia se metido? Zaíta saiu de casa em casa por todo o beco, perguntando pela irmã. Ninguém sabia responder. A cada ausência de informação sua mágoa crescia. Foi andando junto com a desesperança. Tinha o pressentimento de que a figurinha-flor não existia mais. O irmão de Zaíta, o que não estava no Exército, mas queria seguir carreira, buscava outra forma e local de poder. Tinha um querer bem forte dentro do peito. Queria uma vida que valesse a pena. Umavida farta, um caminho menos árduo e o bolso não vazio. Via os seus trabalharem e acumularem miséria no dia a dia. O pai dele e do irmão mais velho gastava seu poucotempo de vida comendo poeira de tijolos, areia, cimento e cal nas construções civis. O pai das gêmeas, que durante anos morou com sua mãe, trabalhava muito e nuncatrazia o bolso cheio. O moço via mulheres, homens e até mesmo crianças, ainda meio adormecidos, saírem para o trabalho e voltarem pobres como foram, acumulados de cansaço apenas. Queria, pois, arrumar a vida de outra forma. Havia alguns que trabalhavam de outro modo e ficavam ricos. Era só insistir, só ter coragem. Só dominar o medo e ir adiante. Desde pequeno ele vinha acumulando experiências. Novo, criança ainda, a mãe nem desconfiava e ele já traçava o seu caminho. Corria ágil pelos becos, colhia recados, entregava encomendas, e displicentemente assobiava uma música infantil, som indicativo de que os homens estavam chegando. Zaíta andava de beco em beco à procura da irmã. Chorava. Algumas pessoas conhecidas perguntavam o porquê de ela estar tão longe de casa. A menina se lembrou da mãe e da raiva que ela devia estar. Ia apanhar muito quando voltasse. Não se importou com aquela lembrança. Naquele momento, ela buscava na memória como o desenhoda menina-flor tinha nascido em sua coleção. A figurinha podia ter vindo em um daqueles envelopes que o irmão, o segundo, às vezes comprava para ela. Quem sabeviera no meio das duplicatas que a mãe ganhava da filha da patroa, ou ainda fruto dealguma troca que ela fizera na escola? Mas podia ser também parte de um segredo que ela não havia contado nem para sua igual, a Naíta. A figurinha podia ser uma daquelas dez, que ela havia comprado um dia com uma moeda que tirara da mãe, sem que ela percebesse. Zaíta por mais que se esforçasse retomando as lembranças, não conseguia atinar como a figurinha-flor tinha se tornado sua. A mãe de Zaíta guardou rapidamente os poucos mantimentos. Teve a sensação de ter perdido algum dinheiro no supermercado. Impossível, levava a metade do salário e não conseguiria comprar quase nada. Estava cansada, mas tinha de aumentar o ganho. Ia arranjar trabalho para os finais de semana. O primeiro filho nunca pedia dinheiro, mas ela sabia que ele precisava. E sem que o segundo soubesse, Benícia colocava uns trocadinhos debaixo do travesseiro para ele, quando ele vinha do quartel. Havia também o aluguel, a taxa de água e de luz. Havia ainda a irmã com os filhos pequenos e com o homem que ganhava tão pouco. A mãe de Zaíta, às vezes, chegava a pensar que o segundo filho tinha razão. Vinha a vontade de aceitar o dinheiro que ele oferecia sempre, mas não queria compactuar coma escolha dele. Orgulhosamente, não aceitava que ele contribuísse com nada em casa. Estava, porém, chegando à conclusão de que trabalho como o dela não resolvia nada. Mas o que fazer? Se parasse, a fome viria mais rápida e voraz ainda. Benícia, ao dar por falta das meninas, interrompeu os pensamentos. Não ouvia as vozes das duas há algum tempo. Deviam estar metidas em alguma arte. Sentiu certo temor. Veio andando aflita da cozinha e tropeçou nos brinquedos esparramados pelo chão. A preocupação anterior se transformou em raiva. Que merda! Todos os dias tinha que falar a mesma

coisa! Onde as duas haviam se metido? Por que tinham deixado tudo espalhado? Apanhou a boneca negra, a maisbonitinha, a que só faltava um braço, e arrancou o outro, depois a cabeça e as pernas. Em poucos minutos a boneca estava destruída; cabelos arrancados e olhos vazados. A outra menina, Naíta, que estava no barraco ao lado, escutando os berros da mãe, voltou aflita. Foi recebida com tapas e safanões. Saiu chorando para procurar Zaíta. Tinha duas tristezas para contar a sua irmã igual. Havia perdido uma coisa que Zaíta gostava muito. De manhã tinha apanhado a figurinha debaixo do travesseiro. Queria sentir o perfume de perto. E agora não sabia mais onde estava a flor... A outra coisa era que a mamãe estava brava porque os brinquedos estavam largados no chão e deraíva ela havia arreventado aquela bonequinha negra, a mais linda... Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. Oirmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto, o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de balas se misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas, suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhes dissolviam a vida. Zaíta seguia distraída em sua preocupação. Mais um tiroteio começava. Uma criança, antes de fechar violentamente a janela, fez um sinal para que ela entrasse rápido em um barraco qualquer. Um dos contendores, ao notar a presença da menina, imitou o gestofeito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão. A outra menina seguia aflita à procura da irmã para lhe falar da figurinha-flor desaparecida. Como falar também da bonequinha negra destruída? Os moradores do beco onde havia acontecido o tiroteio ignoravam os outros corpos e recolhiam só o da menina. Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: — Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedo

PROFESSOR:

Peça que os alunos compartilhem suas impressões individuais.
Faça uma apresentação das impressões gerais da turma
Peça que os alunos façam a escolha do texto de um a partir da leitura dos contos da autora Conceição Evaristo por meio da leitura feita pela professora.

Estratégias para tornar os alunos fãs da obra e da autora escolhida:

- * Crie um painel interativo com curiosidades sobre a autora e sua obra.(O professor já leva alguma curiosidade para debater, expor no painel e motivar a busca por mais novidades)
- * Estimule a criação de um nome para a comunidade de fãs da obra e autora.
- * Solicite que façam pesquisa em sites, revistas, na internet, entrevistas no youtube, para socializar com a turma e expor na sala.



Esta aula tem como objetivo compreender os gêneros textuais fanfic e fanzine para apropriação de suas características e propósito comunicativo.

Escolha um link para conceituar os gêneros textuais, que apresente conteúdo completo e claro.

Leve os alunos a sala de informática para compartilhamento do link, acessar e imprimir o material.

Sugestão de link para conceituar fanfic e fanzine: <https://pt.wikihow.com/Escriver-uma-Fanfic>



Aula I – Antes de Ler

Peça que façam a leitura do material, de forma individual, para o reconhecimento dos gêneros textuais como instrumento de incentivo para que aprendam de forma mais atraente e significativa. Oriente os alunos a responder as perguntas oralmente. Anote algumas respostas no quadro para compartilhar com a turma e a conversa fluir com mais naturalidade. Apresente as impressões gerais da turma.

Momento de compreender e se apropriar dos gêneros em estudo.

- * O que é fanfic e fanzine?
- * Onde encontra uma fanfic para leitura?
- * Como acessar novas fanfics?
- * Quem pode produzir uma fanfic?

PROFESSOR:

Oriente-os a começar a escrita das fanfics

Promova a interação na plataforma

Ajude o aluno na escolha da plataforma digital específica para fanfic .

Peça que criem seu perfil (caso não consiga, solicitar ajuda).

Proponha um roteiro para a escrita das fanfics.



PROFESSOR:

Para servir de inspiração, leia a fanfic *Para Maria, minha mãe*, de Murilo Santos Júnior, do livro “Sobre Nossas Avós - memória, resistência e ancestralidade”, organizado pela professora Dra. Maria Aparecida Silva Ribeiro.

Para Maria, minha mãe (Murilo Santos Júnior)

Essa carta é direcionada para Maria, minha mãe, uma mulher guerreira e batalhadora, mãe de três, que trabalhava como empregada doméstica para sustentar eu e meus dois irmãos, mas foi assassinada, vítima de racismo. Eu lembro exatamente como o Juca, da rua A-10 chegou aqui gritando “pegaram sua mãe roubando um coletivo”, eu apenas corri até você, seu corpo estava deitado no chão, cheio de sangue, os dois menores vieram logo atrás, e nós apenas choramos desconsolados encarando os seus olhos vazios. Hoje, eu entendo tudo o que aconteceu: VOCÊ FOI BRUTALMENTE ASSASSINADA EM UM ÔNIBUS COLETIVO, PORQUE FOI CONFUNDIDA COM UM ASSALTANTE, VOCÊ ERA UMA MULHER PRETA E POBRE. VOCÊ FOI MAIS UMA VÍTIMA DE UM ESTADO RACISTA E MISÓGINO. Nenhum vizinho nos ajudou, deixaram os homens nos levarem para o abrigo e, lá, nós três

fomos separados, fui para um abrigo de jovens e os meninos foram para o abrigo de crianças, ainda tenho esperanças de um dia reencontrar meus irmãos, fomos separados no dia 13 de maio de 2016, e até o dia de hoje não os encontrei, mas sigo firme à procura deles, por mim e por você, que sempre disse para sermos unidos. Queria te falar o quanto foi difícil seguir sem você, Queria te falar sobre as violências que sofri no orfanato, e também, 75 Sobre Nossas Avós - memória, resistência e ancestralidade Queria te falar da dor que foi quando me separaram dos meninos, Queria te falar sobre o meu dia, Queria te falar sobre minha primeira namorada, Eu queria...tantas coisas. Não quero falar apenas das tristezas, quero falar das minhas conquistas, ou melhor, da nossa conquista, tudo o que fiz e farei é por você e pelos meninos, quando eu os encontrar, quero dar condições deles terem acesso a tudo aquilo que a senhora sonhava em dar para nós. Lembra quando você me dizia que o seu sonho era me ver na faculdade, igual ao filho da sua patroa? É, mãe, nós conseguimos, estou estudando para ser professor um dia, como você mesma dizia: "só a educação tem poder de mudar a realidade dos pobres". Quero poder ajudar os meninos lá do morro a entrar na faculdade também. Mãe, quero que saiba o quanto sou grato a Oxalá por ter você como mãe, sinto sua falta nos lugares onde fomos felizes. Quero que saiba que as coisas estão mudando a pequenos passos, mas estão mudando, hoje em dia, os pretos se apoiam, os pretos se defendem, como diz o Rincón Sapiência, os pretos estão se amando. E agora preciso me despedir de você, eu te escrevi essa carta para te acalmar, para que você descanse aí em cima, porque eu vou encontrar os meninos, não descansarei. Você segue viva em mim, guardo nossas lembranças, os nossos jantares com pão, com toddy, as comidas que você trazia da casa da sua patroa, obrigado por tudo, por se sacrificar tanto por mim e pelos meninos. Descanse, mãe, descanse. Persigo a sua falta. Te amo. Do seu filho mais velho. 01/09/202

Chegou a hora das produções e acesso à plataforma.

- O Spirit é uma plataforma de auto publicação, seja ele no formato de Fanfics ou de histórias originais. Durante o processo de uso da plataforma, é importante que além de escrever, os alunos leiam e comentem os textos dos colegas. Uma ideia para motivar a escrita dos alunos é o professor fazer uma espécie de comentário “secreto” sortear números para que todos recebam observações dos colegas em seus textos. Para revisar os textos dos alunos o professor pode comentar (de forma privada ou não) dentro da própria plataforma para os casos individuais e levar para sala de aula pontos em comum dos textos que precisam ser melhorados. Após escrita de todos os textos, socializar suas produções. Quando os textos estiverem prontos será a hora de produzir a fanzine (revista de fãs e para fãs da obra).



Sugestão de roteiro:

Os alunos podem ter dificuldades para pensar nas possibilidades de continuação dos textos. É importante que o professor debata com a turma como continuar a trama, maneira de produzir finais diferentes, entre outros.

Título
Personagens originais
Personagens novos
Conflito principal
Lugar onde os fatos acontecerão
Epoca que os fatos acontecerão
Ações do capítulo 1
Ações do capítulo 2
Ações do capítulo 3
Final

**Dicas
para o
roteiro**



Pensando em idéias para a produção da Fanfic.

1	Anote tudo em papel, como motivo de mudança do personagem, da trama, tudo que for importante.
2	Onde se passa a história, em que época, características físicas e psicológicas dos personagens.
3	Defina os acontecimentos em ordem cronológica/o que acontece primeiro.
4	Dos acontecimentos o que é útil/ necessário/motivo dos fatos/traçar novos destinos.
5	Divida os acontecimentos em capítulos/ escreva seu roteiro.

Chegou a hora de produzir uma revista para a comunidade dos fãs da obra. (fanzine)

PROFESSOR:

Nesta aula, você irá, juntamente com os alunos:

Escolher do nome da revista.

Fazer a revisão/editoração dos textos.

Reunir todos os textos para montar a revista.

Anote estas dicas para produção da fanzine.

Dica I - Nesta fase será feita a triagem, a escolha das imagens e textos que serão incluídos ou excluídos do fanzine. Este procedimento é importante para a coerência na abordagem do tema e conteúdo.

Dica II - A diagramação é a técnica de expor o texto e imagem na página, serve para ajudar o leitor a receber as informações que o autor quer transmitir. Precisa ser clara, prática e objetiva. Deixe seu texto respirar. Longos blocos de texto fazem a leitura ficar cansativa. Experimente fazer parágrafos menores. Ao usar imagens para ilustrar o texto, use margens. O texto colado na imagem deixa o leitor desconfortável, respeite a hierarquia da informação, os títulos devem ser maiores que os subtítulos e os subtítulos devem ser diferentes do texto em si.

Dica III - Lembre-se de deixar margens dos lados, em cima e embaixo da página para que pareça profissional e nada saia cortado. Para ajudar em novas ideias, veja na internet ou procure bibliotecas com coleções de zines, ou compre zines de livrarias ou lojas de cultura alternativa. Também será mostrado um vídeo do youtube para melhor compreensão.



Etapa de revisão das fanfics

Os alunos poderão receber o feedback tanto dos colegas, quanto do professor. A dinâmica para essa tarefa é fazer duplas para consultar dicionários, um corrige o texto do outro. Em caso de não resolverem sozinhos, consultar o professor que deve mediar no momento da dúvida para não interferir na reflexão do aluno.

Momento de montar a revista fanzine. Isso requer planejamento e pesquisa. Serão dadas as instruções. Produza uma capa que atraia o leitor e escolha um título que transmita a ideia central da produção ou a intenção dos autores. Use e abuse da criatividade.

NÃO SE ESQUEÇA DE:

- Coletar as fontes, textos e imagens que serão utilizados na publicação.
Fazer um esboço do fanzine
- Distribuir os conteúdos nas páginas.
Arquitetar o layout das páginas.

Esta aula será para a culminância do trabalho, um momento de apresentação para outras turmas de alunos da escola, pais, professores, gestão e demais convidados. Nesta última aula do módulo, como encerramento das discussões, é o momento de compartilhar as produções dos alunos. Use um projetor para que todos tenham acesso as imagens ao mesmo tempo. Lembre-se de reservar o aparelho antecipadamente na escola e verificar se tudo funciona bem.

Os alunos autores/produtores farão toda a parte de socialização de cada etapa, para chegar ao produto final.

O professor precisa mediar, orientar, motivar cada detalhe das tarefas para apresentação, assim os alunos se sentirão seguros e encorajados para executar a apresentação.

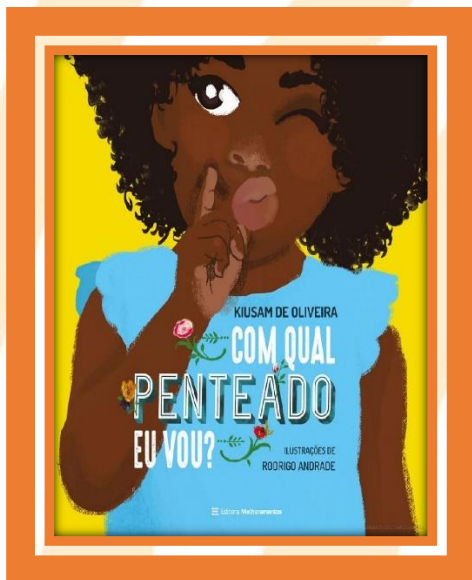
Para encerrar a apresentação os alunos devem responder ao mestre de cerimônia, convidados e professor que aprendizado conquistou a partir desse trabalho.



dicas

1. Planeje o evento de socialização dos trabalhos.
2. Pense em um planejamento baseado em:
 - quem é o mestre de cerimônia,
 - quem fala sobre as etapas do trabalho para construção da revista,
 - quem apresenta a plataforma em aparelho de notebook conectado a tv,
 - quem recebe os convidados,
 - quem lê os textos fanfics,
 - quem agradece a participação dos convidados).
3. Prepare o espaço de apresentação.
4. Disponibilize a fanzine para a biblioteca da escola para ser lida por outras pessoas

Professor: Este projeto pode ser aplicado com outras autoras e/ou autores de sua preferência. Deixamos aqui algumas sugestões:



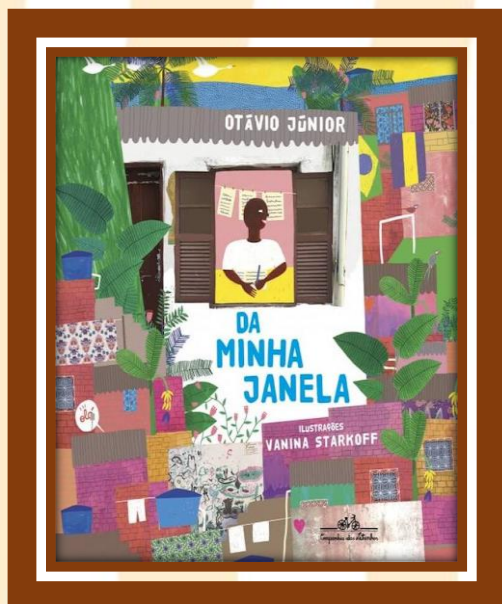
Com qual roupa eu vou? Kiusam de Oliveira

Obra fundamental para pautar a beleza e a diversidade que existe em cada criança.



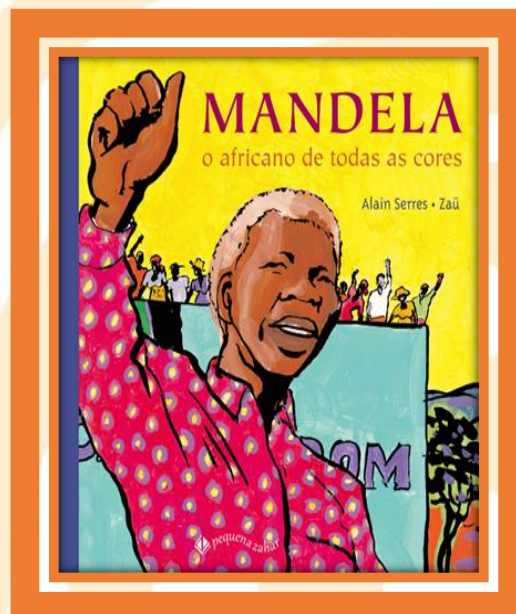
A cor da ternura – Geni Guimarães

livro instigante, crítico e atual para abordar o racismo e a capacidade de superação dele.



Da minha janela, de Otávio Júnior

Com uma narrativa sensível, o personagem narra cada coisa, pessoa e animal que vê da sua janela que em uma favela do Rio de Janeiro.



Mandela, o africano de todas as cores-

Alain Serres – o autor apresenta a história de Mandela de forma lúdica, para possam compreender a importância da luta pelos direitos dos negros.

PALAVRAS FINAIS:

Esperamos que a sequência didática projetada e desenvolvida nesta pesquisa, seja tomada como uma referência colaborativa para as práticas de leituras desenvolvidas pelos professores de língua portuguesa em outras instituições de ensino brasileiras, trazendo um olhar diferenciado para a prática da leitura dentro e fora da escola, pois o essencial são as aprendizagens conquistadas pelo hábito de ler, utilizando diversos meios, tanto os tradicionais quanto os virtuais. Reiteramos a necessidade de se investir na relação do professor com o aluno, otimizando o processo ensino aprendizagem. Levar em consideração a proposta feita pelos alunos de fazer leituras de fanfics, trazendo a tecnologia para a sala de aula, foi de fundamental importância para a criação e aplicação deste projeto, oportunizando assim, que alunos e professores pudessem refletir sobre sua prática e passassem a atuar num clima mais condizente com a realidade de uma escola. Trouxemos a leitura de uma autora da minha predileção para instrumentalizar o desenvolvimento das ações que possibilitassem o interesse dos alunos por textos de uma mulher negra que apresenta, denuncia e celebra as experiências de sua comunidade. O estudo de tais obras possibilita que tragamos, como referido acima, questões sociais à centralidade das discussões em aula.

Sabendo que a literatura desencadeia nossas memórias, trouxe o poema “não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral (em anexo), um texto bastante significativo em minha história, como forma de exercitar a escrita autoral. Escrever uma fanfic deste poema não foi uma tarefa fácil, porém, serviu como propósito de experiência para aprimorar as habilidades de escrita e compreender as dificuldades inerentes ao ato de escrever, sugerimos que o professor também se aventure na escrita criativa, passando por todo o processo pelo qual o aluno passou.g5



ANEXOS

Não vou mais lavar os pratos

Cristiane Sobral

Não vou mais lavar os pratos.
Nem vou limpar a poeira dos móveis.
Sinto muito. Comecei a ler. Abri outro dia um livro
e uma semana depois decidi.
Não levo mais o lixo para a lixeira. Nem arrumo
a bagunça das folhas que caem no quintal.
Sinto muito.
Depois de ler percebi
a estética dos pratos, a estética dos traços, a
ética,

A estética.
Olho minhas mãos quando mudam a página
dos livros, mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante.
Sinto.

Qualquer coisa.
Não vou mais lavar. Nem levar. Seus tapetes
para lavar a seco. Tenho os olhos rasos d'água.
Sinto muito. Agora que comecei a ler quero
entender.
O porquê, por quê? e o porquê.
Existem coisas. Eu li, e li, e li. Eu até sorri.
E deixei o feijão queimar...
Olha que feijão sempre demora para ficar pronto.
Considere que os tempos são outros...

Ah,
esqueci de dizer. Não vou mais.
Resolvi ficar um tempo comigo.
Resolvi ler sobre o que se passa conosco.
Você nem me espere. Você nem me chame. Não
vou.
De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais
entendi,
você foi o que passou

Passou do limite, passou da medida,
passou do alfabeto.

Desalfabetizou.
Não vou mais lavar as coisas
e encobrir a verdadeira sujeira.
Nem limpar a poeira
e espalhar o pó aqui para lá e de lá pra cá.
Desinfetarei minhas mãos e não tocarei suas
partes móveis.
Não tocarei no álcool.
Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler.
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
meu tênis do seu sapato,
minha gaveta das suas gravatas,
meu perfume do seu cheiro.
Minha tela da sua moldura.
Sendo assim, não lavo mais nada, e olho a sujeira
no fundo do copo.
Sempre chega o momento
de sacudir,
de investir,
de traduzir.
Não lavo mais pratos.
Li a assinatura da minha lei áurea
escrita em negro maiúsculo,
em letras tamanho 18, espaço duplo.

Aboli.
Não lavo mais os pratos
Quero travessas de prata,
Cozinha de luxo,
e jóias de ouro. Legítimas.
Está decretada a lei áurea.

A menina que ia para a escola lavar pratos - Jucinalva Marques

A menina brincava no milharal onde seu pai trabalhava, arrancando as ervas daninhas. Ela trançava os cabelos loiros de uma boneca de milho. Lembrou dos cabelos longos e loiros da professora, ela era tão bonita. Ia toda arrumada para dar aulas, e a menina ia dormir pensando qual seria a roupa que a professora iria para a aula no outro dia. Sempre tão cheirosa.

Certo dia a professora convidou a menina para ir à sua casa. Ela aceitou o convite e ia pelo caminho imaginando coisas boas. Tomariam lanches servidos em tigelas de prata, conversariam sobre moda e sobre como a menina gostava de ler. Chegando lá ela mostrou a casa à menina e pediu que a varresse, solicitação prontamente atendida, mesmo que sem jeito, pois a casa da menina era de chão batido e ela não tinha intimidade com pisos de cerâmica. Concluída a tarefa, mais um pedido inusitado: você poderia lavar os pratos?

Embora a tarefa parecesse hercúlea, dada a falta de familiaridade da menina com a pia, torneira e utensílios muito diferentes das vasilhas que usava na sua casa e eram lavadas numa bacia em cima de um girau, concluiu a tarefa com o maior capricho e da maneira que pôde. Nos dias subsequentes, sempre na hora do recreio, a professora pedia a menina para ir à sua casa varrer e lavar os pratos. Entregava a chave, o que a deixava lisonjeada por lhe ser confiada tarefa tão importante.

Tudo ia bem, até o dia em que a professora resolveu telefonar para ver como ela estava se saindo com as tarefas. Ficou assustada com o barulho do telefone, não sabia como e nem se deveria atender. Quando estava varrendo a cozinha, a geladeira começou a “funcionar”, fazendo um barulho estranho (para ela), e começou a ficar com medo. Saiu correndo e esbarrou na fruteira, espalhando as frutas pelo chão.

No outro dia não queria mais voltar lá, então a professora designou uma coleguinha da cidade, mais esperta (e branca) para acompanhá-la, até que terminasse as tarefas domésticas. E assim foi, até que um dia, ao chegar na sala dos professores sem ser notada viu relatar, às gargalhadas, o episódio do seu medo às outras colegas professoras. Percebeu que além de empregada, também servia de chacota para ela. Foi muito doloroso. Se calou e nunca mais voltou lá. A menina não lembra se foi capaz de dizer alguma coisa, mas sabe que saiu dali com um sentimento de decepção, de ter sido usada por aquela que a deveria proteger.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos seu filho (a) para participar de uma pesquisa **EXPERIÊNCIAS DE ESCRITA LITERÁRIA EM SALA DE AULA: CRIANDO FANFICS A PARTIR DOS CONTOS DE CONCEIÇÃO EVARISTO**, será aplicada no 9º ano do Ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa realizada pela professora pesquisadora JUCINALVA DOS SANTOS MARQUES, sob a orientação da Professora Doutora MARIA APARECIDA RIBEIRO, da UFS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE/ SÃO CRISTÓVÃO. A pesquisa tem como objetivo promover uma prática de mediação literária seguida de uma escrita criativa, para desenvolver habilidades de leitura e escrita autoral através do gênero fanfic, fomentando a leitura, a releitura e a produção textual. Os dados serão coletados por meio de observação e registro escrito (que incluem anotações do professor-pesquisador e atividades realizadas pelos alunos). Nas atividades em sala de aula seu filho será convidado a ler e interpretar textos do gênero conto e fanfic, produzir textos dentro dos critérios da escrita processual e publicar nas redes digitais. As informações coletadas serão utilizadas no desenvolvimento do trabalho no âmbito do PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS e em futuras publicações. Os registros feitos terão caráter confidencial, de forma que a autoria será mantida em sigilo. Nenhum valor financeiro será cobrado para a participação na pesquisa, assim como não haverá remuneração para os participantes. A participação do seu filho é voluntária e você poderá recusar-se a participar ou interromper a participação a qualquer momento. Caso deseje, você poderá solicitar esclarecimento pelo telefone (75) 982611084 ou pelo e-mail jucimestra@academico.ufs.br. Agradecemos sua colaboração. Atesto que expliquei cuidadosamente a natureza e o objetivo deste estudo. Acredito que a (o) participante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível.

Profa.

Jucinalva dos Santos Marques – Pesquisadora

Profa. Dr^a

Maria Aparecida da Silva Ribeiro – Orientadora

Declaro que li as informações contidas neste documento e aceito os termos. Confirmando também que recebi uma cópia deste formulário de consentimento. Compreendo que meu filho(a) é livre para retirar-se do estudo em qualquer momento, sem qualquer penalidade. Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade e sem reservas para participar do estudo.

Nome do

participante (em letra de forma) _____ RG _____

Assinatura do responsável _____



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS



QUESTIONÁRIO SÓCIOECONÔMICO

Prezado(a) estudante:

Este questionário servirá como instrumento para coleta de informação sobre algumas questões de sua vida escolar e será utilizado durante a aplicação da pesquisa do curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Sergipe, Campus de São Cristóvão/SE.

Além disso, nos permitirá conhecer aspectos importantes da vida socioeconômica de sua família. Tais elementos são fundamentais para subsidiar a avaliação e o planejamento das atividades que serão desenvolvidas posteriormente nesta turma, em conformidade com a sua realidade. Assim, torna-se imprescindível que todas as perguntas sejam respondidas e que toda informação declarada seja verdadeira.

Ressaltamos que as suas respostas serão mantidas em sigilo e de uso exclusivo para esse propósito da pesquisadora.

ESCOLA:	DATA / /
PROFESSORA:	SÉRIE/ANO:
ALUNO(A):	TURNO:
1 - Endereço de origem do grupo familiar (onde o estudante reside atualmente): Rua: _____ Nº _____ Cidade: _____ Estado: _____ Ponto de referência: _____ Este endereço fica: Zona urbana central () Zona rural ()	
2 – Raça/Cor () Branco (a) () Pardo (a) () Preto (a) () Amarelo (a)	
3 - Qual o número de pessoas que vivem na mesma residência familiar: (incluindo você) () Uma () Duas () Três () Quatro () Cinco () Outro _____	

4 - Especifique a forma de abastecimento de água da residência da sua família: ☐ Rede “Embasa” ☐ Poço, rio ou nascente ☐ Carro Pipa
5 - Quem é a pessoa que mais contribui na renda mensal familiar? Cite a atividade laboral, mesmo que seja trabalho informal: ☐ Pai ☐ Mãe ☐ Outra pessoa, quem? _____ Especifique a atividade/profissão: _____
6- A família é beneficiária em algum dos programas sociais do Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal/ Municipal: ☐ Programa Bolsa Família Federal ☐ Tarifa Social de Energia Elétrica ☐ Programa Bolsa Família Municipal ☐ Bolsa Leite Municipal ☐ Programa de Cesta Básica Municipal ☐ Outros, especificar _____
7 - Você possui no seu núcleo familiar algum idoso (pessoa com 60 anos ou mais)? ☐ Sim ☐ Não
8 - O domicílio do grupo familiar é: ☐ Residência própria ☐ Alugada ☐ Cedida ☐ Aluguel Social
9 - Marque aqui as pessoas com quem você mora (Marque quantos itens forem necessários) ☐ pai ☐ avó ☐ irmãos ☐ padrasto ☐ filho(a) da madrasta ☐ mãe ☐ avô ☐ irmãs ☐ madrasta
10 - Você apresenta alguma doença grave? Ou alguém do seu núcleo familiar? ☐ Não ☐ Sim, em caso de resposta afirmativa, especifique _____
11 - Algum componente da família, inclusive você, possui algum tipo de deficiência? ☐ Não ☐ Sim. Em caso de resposta afirmativa especifique: quem é o componente e qual o tipo de deficiência
12 - Você ou algum familiar é acompanhado por algum Centro de Referência do Município? ☐ Sim, em caso de resposta afirmativa marque a opção ☐ CRAS ☐ INTEGRAR ☐ APE QUEM? Citar a pessoa e o grau de parentesco: _____ ☐ Não
13 - Algum componente da família, inclusive você, vivencia alguma das seguintes situações (Marque quantas forem necessárias) ☐ Depressão

☐ Ansiedade ☐ Síndrome do pânico ☐ Diabetes ☐ Hipertensão ☐ Fumante ☐ Desnutrição ☐ Obesidade <i>Se marcou algum item, especifique quem é o componente da família</i> _____
14 - Você usa o ônibus escolar para chegar à escola? ☐ Sim ☐ Não
15 - Você possui aparelho de celular próprio? ☐ Sim ☐ Não
16 - Você e seu grupo familiar tem acesso à internet de que forma? ☐ própria ☐ compartilhada com o vizinho ☐ Não tem acesso
17 – Quando os trabalhos escolares extraclases, são organizados em grupos, você consegue participar no turno oposto? ☐ Sim ☐ Não, em caso de resposta negativa, justifique _____
18 - Quais desses meios de entretenimento você faz uso? ☐ Netflix ☐ you tube ☐ sky livre ☐ globo play ☐ Não Possuo televisão ☐ jogo de futebol ☐ grupo de dança ☐ não possuo computador

19 - Você tem enfrentado algum desafio ou dificuldade para permanecer estudando nesta escola? () Sim () Não

Se respondeu “sim”, especifique quais:

20. responda quanto a sua frequência de leitura dos seguintes documentos:

revistas

() diariamente () semanalmente () mensalmente () anualmente () nunca ou raramente

Jornais

() diariamente () semanalmente () mensalmente () anualmente () nunca ou raramente

Livros

() diariamente () semanalmente () mensalmente () anualmente () nunca ou raramente

21. quais assuntos você gosta de ler?

22. Quais tipos de suporte utiliza com mais frequência?

() impresso () digital

23. você considera que seu tempo dedicado à leitura é:

() suficiente () insuficiente

24. Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura:

() tempo () dificuldade financeira () dificuldade de acesso à biblioteca () lentidão na leitura () outros _____

25. Você gosta de ler?

() sim () não

DECLARAÇÃO

Declaro, que todas as informações prestadas neste questionário são verdadeiras e me comprometo a não desistir da escola, comparendo e participando das atividades propostas. Caso haja alguma alteração em minha realidade socioeconômica, comunicarei à pesquisadora.

Cardeal da Silva, ____ de ____ de 2023.

Assinatura do(a) estudante

20. Você lê por iniciativa própria?() Sim () Não
21. Você já leu algum livro? Qual?
22. Que tipos de histórias você gosta de ler?
23. Quais tipos de suporte utiliza com mais frequência? () impresso () digital
24. você considera que seu tempo dedicado à leitura é: () suficiente () insuficiente
25. Quais são as maiores barreiras para sua frequência na leitura: () tempo () dificuldade financeira () dificuldade de acesso à biblioteca () lentidão na leitura () outros _____
26. Você gosta de ler? () sim () não

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Lucas. **Como fazer um fanzine**. 2015. Disponível em: . Acesso em: 07 de dez. de 2022.

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revistado Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999Tradução. Acesso em: 06dez. 2022.

CLEMENTE, Bianca Jussara Borges. **O uso do fanfiction nas aulas de produção textual no ensino médio**. 2013. Dissertação (Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada). Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, 2013.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016. 116 p.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

PAULINO, Graça. **Das Leituras ao Letramento Literário**. Belo Horizonte: FaE; UFMG. Pelotas: EDGUFPeI, 2010. Resenha de: ROSA, Cristina Maria. **Revista Práticas de Linguagem**. Juiz de Fora, v.1, n. 2, p.114-116, jul./dez. 2011. [Acessar publicação original](#) [DR]

SPIRIT, Fanfic. **Plataforma digital**. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=spirit+fanfics&cvid=723408a1f5644b36b6d96f3707aa2c28&aqs=edge.69i57j0l8.2899j0j1&pqlt=43&FORM=ANNTA1&PC=U531&ntref=1>>Acesso em: 07 de dez. de 2022

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

Ribeiro, Maria Aparecida da Silva (org.). **Sobre nossas avós: Memória, resistência e ancestralidade**. 1. Ed. - Aracaju: Pontes, 2021

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. ROJO, Roxane (org.). Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction [recurso eletrônico]**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. **Letramento digital**: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). Tecnologias para aprender. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016

Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia

Acessado em:
<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59#:~:text=No%20latim%20medieval%2C%20o%20conceito,algumas%20caracter%C3%ADsticas%20f%C3%ADsticas%20em%20o%20comum.>